

**UNIVERSIDADE ANHEMBI MORUMBI
PROGRAMA DE MESTRADO EM HOSPITALIDADE**

**HOSPITALIDADE E ACOLHIMENTO NA COMUNIDADE
LIBANESA EM SÃO PAULO (1973 a 1992)**

DOLLY KHOURI

**SÃO PAULO
2007**

UNIVERSIDADE ANHEMBI MORUMBI
PROGRAMA DE MESTRADO EM HOSPITALIDADE

**HOSPITALIDADE E ACOLHIMENTO NA COMUNIDADE
LIBANESA EM SÃO PAULO (1973 a 1992)**

DOLLY KHOURI

Dissertação de Mestrado apresentada à Banca Examinadora como exigência parcial para a obtenção de título de Mestre do Programa de Mestrado em Hospitalidade, área de concentração em Planejamento e Gestão Estratégica em Hospitalidade e linha de pesquisa Dimensões Conceituais e Epistemológicas da Hospitalidade e do Turismo da Universidade Anhembi Morumbi, sob a orientação da Prof^a.Dra. Marielys Siqueira Bueno.

SÃO PAULO
2007

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dra. Marielys Siqueira Bueno
Universidade Anhembi Morumbi

Prof. Dra. Maria do Rosário Rolfsen Salles
Universidade Anhembi Morumbi

Prof. Oswaldo Mário Serra Truzzi
Universidade Federal de São Carlos

“Dele, por Ele e para Ele
são todas as coisas.
A Ele (Deus) seja a glória”.
(Romanos 11.36)

AGRADECIMENTOS

Estou profundamente grata a todos, os depoentes e os informantes da pesquisa, o corpo acadêmico, os familiares, os colaboradores de recursos financeiros, e os amigos que estimularam e apoiaram a realização desse trabalho.

Homenageio e agradeço a todos através de duas pessoas imprescindíveis nessa caminhada...

Profa. Marielys Siqueira Bueno, minha orientadora

Sra. Hind Rateb Khouri, minha mãe.

*Se cortássemos todos os cedros do Líbano
e os cedros são fonte de inspiração
E com ele erigíssemos aqui um templo
Cujas torres atravessassem as nuvens,
Se arrebatássemos de baalbeck e de palmira
Vestígios do nosso passado glorioso.
Se arrancássemos de Damasco,
O túmulo de Saladino
E de Jerusalém, o sepulcro
Do Redentor dos homens.
Se doássemos todos esses tesouros
À grande nação independente
E a seus generosos filhos
Sentiríamos que ainda assim,
Não pagamos tudo o que devemos
Ao Brasil e aos Brasileiros.*

Elias Farhat¹ (apud KHATLAB, 2002, p.64)

¹ Elias Farhat, nasceu em Kfarchima, Monte-Líbano em 1893, emigrou para o Brasil em 1910. Foi considerado como um puro representante da literatura árabe no Brasil. Casou com Julie Gibran, da família do grande poeta libanês Gibran Khalil Gibran. Faleceu em 1976. Poesia selecionada em concurso realizado pela colônia libanesa para a comemoração do centenário da Independência do Brasil (1922). (KHATLAB 2002, p.64)

RESUMO

Este estudo teve como objetivo verificar, no processo sócio-cultural de adaptação de um grupo de imigrantes libaneses em São Paulo, a reprodução e as modificações das práticas de hospitalidade de seu país de origem. Procurou-se perceber os processos de integração, a transmissão de usos e costumes dos padrões de hospitalidade e a leitura desses padrões. Isso implicou em investigar, no ambiente complexo e múltiplo coabitado por culturas distintas, o grau de acolhimento e de abertura, proporcionado na recepção a esses imigrantes. Para isso, foi relevante conhecer o contexto histórico e social em que a decisão de emigrar fora tomada. É importante mencionar que a pesquisa abrangia o período da guerra civil libanesa. Para evitar uma simplificação do fenômeno e o risco de interpretar as possíveis transformações apenas como resultado de uma influência da cultura do imigrante em coabitação com a cultura receptora, buscou-se meios de contato com o grupo para criar condições de reflexão sobre os fatos na voz dos próprios personagens. Adotou-se então o método de história oral para a pesquisa, que além de ser adequado a temas relacionados à imigração, permite estabelecer um vínculo entre entrevistador e entrevistado, motivando o entrevistado a contar a sua história. A situação de todo imigrante é pontuada de encontros para os quais sua cultura original não lhes deu parâmetro de conduta. Os testemunhos dos relatos orais revelaram as características da interpenetração de padrões culturais entre eles e os brasileiros e fazem uma menção especial à hospitalidade brasileira e à liberdade a eles concedida para manifestar a sua cultura. Os resultados indicam assim que a hospitalidade libanesa vem sendo reproduzida no Brasil, não exatamente da mesma forma que no Líbano. Algumas alterações foram introduzidas no decorrer do tempo em função de vários fatores, dentre eles, o contato com os padrões brasileiros, a diferença no ritmo de vida no oriente e no ocidente, as distâncias geográficas e a disponibilidade do tempo em uma metrópole como São Paulo. Além disso, o estilo de vida e os valores se alteraram ao longo do tempo, influenciados pela modernidade e pela globalização.

Palavras-chave: Imigração, Acolhimento, Hospitalidade, Cultura.

ABSTRACT

The aim of this research was to investigate, in the social–cultural adjustment process of a Lebanese immigrant group in São Paulo, the modification and changes of the hospitality practices from their original country. The integration process, the transmission of the customs and habits of the hospitality patterns were observed. That implied in verifying the complex and multiple environment shared by two different cultures, and the acceptance and openness given at the reception of these immigrants. For that reason, it was very important looking forward to knowing the historical and social context, when the decision to emigrate was taken. It is important to mention that the period of the research includes the Lebanese civil war. To avoid a simplification of the phenomenon and the risk of interpreting the possible transformations just as a result of the influence of the culture of the immigrant in cohabitation with the culture of the new country, ways to contact the group were pursued in order to develop conditions for reflections over the facts told by the characters in their own voice. The oral history method was adopted for the research that beyond being the adequate one to the study of immigration, allowed the interviewer and interviewee to establish a link, motivating the interviewee to tell his story. The situation of every immigrant is punctuated of meetings for which the behavior of his original culture doesn't prepare him for. The testimonies of the oral reports revealed the characteristics of the interpenetration of the cultural patterns between them and the Brazilians and they make a special mention to the Brazilian hospitality and the freedom that has given them opportunities to show their culture. The results have indicated that the Lebanese hospitality has been reproduced in Brazil, not exactly in the same way as in Lebanon. Some changes have been introduced through the time, regarding many factors, among them: the contact with Brazilian patterns, the rhythm of time between orient and occident worlds, the geographical distances and the availability of time in a huge city as São Paulo.

Key words: Immigration, Acceptance, Hospitality, Culture.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	10
IMIGRAÇÃO.....	21
1.1 O Processo da Imigração.....	21
1.2 Condições Históricas da Emigração Libanesa.....	29
1.3 Características da Emigração Libanesa.....	33
1.4 A Motivação da Emigração dos Libaneses para o Brasil.....	35
A QUESTÃO DA HOSPITALIDADE E DA IMIGRAÇÃO.....	39
2.1 Acolhimento e Inserção do Imigrante Libanês em São Paulo.....	42
A ALIMENTAÇÃO COMO MANIFESTAÇÃO DE HOSPITALIDADE NA CULTURA LIBANESA.....	55
3.1 Hospitalidade a qualquer hora e a qualquer tempo!.....	60
3.2 Rituais Especiais.....	69
Conclusão.....	72
Referências Bibliográficas.....	79
Bibliografia.....	83
Anexo A.....	90

INTRODUÇÃO

Parece haver um consenso em considerar os libaneses como um povo hospitaleiro. Por isso o objetivo central dessa pesquisa é verificar, no processo sócio cultural de adaptação de um grupo de imigrantes libaneses em São Paulo, as estratégias elaboradas para a manutenção das práticas de hospitalidade de seu país de origem. Isso significa perceber os processos de integração, a transferência de usos e costumes dos padrões de hospitalidade bem como a interpretação desses padrões. Isso implica, também, em verificar, no fenômeno complexo e múltiplo onde culturas diferentes passam a coabitar, o grau de abertura, de acolhimento, enfim, de hospitalidade com que os imigrantes são recebidos, fato que será, sem dúvida, fundamental no processo de integração à nova ordem social, ao novo estilo de vida.

Considera-se, portanto, que a migração pressupõe mecanismos de adaptação na nova região ou novo país e que, conseqüentemente, os padrões sócio-culturais são recriados e modificados. Assim, a hipótese central desse estudo é que, no grupo de imigrantes libaneses em São Paulo, sua tradicional hospitalidade sofreu mudanças e adaptações. Considera-se, como segunda hipótese, que o tipo de acolhimento no país receptor facilita ou dificulta a inserção e, portanto, determina a permanência, as mudanças ou as perdas de padrões do país de origem.

Busca-se, assim, perceber a posição que esse imigrante ocupou ao entrar na comunidade de destino, sobretudo o tratamento ao qual ele foi submetido e as condições de reprodução dos valores do grupo, enfatizando especificamente os padrões de hospitalidade.

Já que o objetivo proposto a ser investigado foi o de verificar a permanência e/ou transformações nos padrões de hospitalidade libanesa em um grupo de imigrantes na cidade de São Paulo se fez necessário, antes de mais nada, conhecer o contexto histórico e social em que a decisão de partida foi tomada. No caso específico do grupo de imigrantes focalizado nesse trabalho, foi a guerra civil (1975-1990)², o motivo principal da imigração, que, evidentemente, deixou traços dolorosos conferindo relevância e intensidade à decisão dessa imigração.

Para evitar uma simplificação do fenômeno e o risco de interpretar as possíveis transformações apenas como resultado de uma influência

² O período da guerra civil é historicamente considerado 1975-1990. No entanto, estendeu-se o período da pesquisa para 1973-1992, por ter tido informação de um imigrante libanês que a sua emigração em 1973 foi por causa da guerra e que inclusive levou um tiro..

descaracterizadora peculiar do encontro cultural que tende a dissolver as especificidades da cultura do imigrante na relação com a cultura receptora, buscou-se meios de contato com o grupo para criar condições de reflexão sobre os fatos na voz dos próprios personagens. Para isso estabeleceu-se critérios para a seleção dos colaboradores que serão descritos a seguir, bem como os caminhos percorridos para a definição do tema e suas delimitações.

A pesquisa abrangeu a coleta de publicações sobre a imigração libanesa; pesquisa de campo composta por entrevistas e contatos para a devida avaliação do impacto migratório e sua repercussão no processo de hospitalidade e, a apreciação do valor e função da hospitalidade nesse processo. Para isso buscou-se o apoio de autores que tratam da questão da hospitalidade. O passo seguinte foi a escolha dos métodos e técnicas apropriados ao problema proposto e a justificativa dessa escolha.

Num primeiro momento o projeto de pesquisa visava caracterizar a hospitalidade doméstica libanesa, através de uma pesquisa realizada com famílias no próprio Líbano. Esses dados dariam elementos para uma avaliação das transformações nos padrões de hospitalidade decorrentes da inserção dos emigrantes em novos padrões culturais. Iniciou-se um plano de contatar libaneses em Beirute através de um sistema *on line* chamado *skype*³. Este programa permite que se faça uma segmentação das pessoas a contatar, apresentando as seguintes variáveis: gênero, faixa etária, idioma, nome e ou apelido e localidade. Esse foi um dos canais utilizados para a seleção de entrevistados para a pesquisa.

Sistematizou-se um texto em que se apresentava a pesquisadora, bem como os objetivos de sua pesquisa. Esse texto foi enviado para os contatos selecionados entre os que se comunicavam em inglês e que fossem indivíduos acima de vinte anos. Percebeu-se que o número de mulheres representadas dentro do universo selecionado era bem menor e que elas raramente respondiam à solicitação enviada. Em um universo próximo de vinte mulheres contatadas, apenas uma respondeu. Quanto aos homens, enviou-se a mensagem para aproximadamente cem indivíduos, dentre eles, pelo menos quinze responderam e com oito deles mantém-se contato até hoje. Embora o projeto inicial tenha sofrido alterações por questões políticas e econômicas, as informações colhidas foram utilizadas na pesquisa da cultura

³ *Skype* é um sistema de telefonia com utilização *on line*, que propicia ligações telefônicas internacionais sem custo, de computador para computador.

libanesa e na caracterização do povo libanês em São Paulo. Para a compreensão e interpretação das entrevistas realizadas posteriormente com os libaneses radicados em São Paulo, também foi usado o mesmo sistema de seleção.

Quando os contatos no *skype* com o mesmo informante se tornavam mais freqüentes, adotava-se uma mudança no sistema *on line* utilizado. Passava-se a utilizar o MSN⁴ que naquela época já permitia o uso de câmeras de vídeo *on line*, cujo emprego foi realizado para um reconhecimento de ambas partes, entrevistado e entrevistador, gerando uma maior confiança entre eles. Além disso, existe uma outra diferença nos dois sistemas. O *skype* permite abordagem pelo sistema de busca, já no MSN é necessário que primeiramente os usuários já forneçam um ao outro seus endereços eletrônicos privados para a comunicação.

Em adição aos sistemas mencionados acima, passou-se a utilizar o programa *orkut*, um programa de comunidades virtuais, com grande participação de jovens de todo o mundo. A pesquisadora solicitou seu ingresso nas comunidades que tratavam de assuntos relacionados à cultura libanesa e, participou de fóruns, cujos temas de discussão envolvem a comunidade libanesa no Brasil. Esses fóruns proporcionaram à pesquisadora, contatos com os membros dessas comunidades, muitos deles imigrantes libaneses.

Da mesma forma, sistematizou-se uma mensagem semelhante à utilizada no sistema *skype*, só que em virtude do *orkut* não apresentar as variáveis a selecionar, utilizava-se a população pertencente às comunidades relacionadas ao Líbano.

Como já dito, a intenção inicial era preparar uma amostra para a pesquisa de campo a ser realizada em Beirute, porque o tema inicial do projeto de pesquisa contemplava um estudo comparativo entre famílias libanesas em Beirute e famílias libanesas residentes em São Paulo. Foi necessário alterar o viés da pesquisa, por questões econômicas, derivadas de alterações e suspensões de recursos da bolsa de estudos fornecida à pesquisadora. No entanto, considerou-se conservar os relacionamentos desenvolvidos ao longo da pesquisa dessa fase com os libaneses em Beirute.

Em virtude da alteração do tema e foco do estudo, voltou-se a busca para informantes para a pesquisa de campo na comunidade libanesa em São Paulo. Primeiramente repetiu-se o mesmo mecanismo dos sistemas *on line* já utilizados e

⁴ MSN sistema *on line* de comunicação entre usuários de computadores com o sistema windows cedido pela Microsoft. Permite conversas *on line*, com voz também e utilização de câmeras de vídeo.

descritos. Além desse procedimento, os contatos pessoais já realizados anteriormente favoreceram a busca de informantes para o início das entrevistas.

A primeira fase da pesquisa de campo em São Paulo iniciou-se com as entrevistas com sujeitos qualificados em abril de 2005, sendo o primeiro deles, um descendente da comunidade libanesa, diretor da câmara árabe brasileira e conhecedor da área do turismo. Esse informante foi indicado por um professor do mestrado, durante o seminário multidisciplinar de instrução permanente SIP. Posteriormente em junho de 2005, foi feito um contato importantíssimo com um líder da comunidade (muçulmana), dirigente do Instituto Futuro, cujo objetivo é desenvolver e integrar jovens descendentes de Libaneses residentes em São Paulo, independentemente de sua religião. A terceira entrevista apresentou dificuldade para a sua realização, por se tratar de uma autoridade diplomática. Justamente por se tratar de um cargo que exige privacidade, ética e diplomacia, as informações colhidas não puderam ser publicadas, mas contribuíram para a visualização dos contextos dos países envolvidos, ou seja, Líbano e Brasil.

A segunda fase da pesquisa em São Paulo iniciou-se em setembro de 2005. A primeira informante foi uma jovem senhora Libanesa, Suad, apresentada à pesquisadora por um membro da família dela. Ela indicou mais duas mulheres para serem depoentes. No entanto, muitas vezes os imigrantes libaneses indicados não podiam ser classificados como depoentes porque o período de sua imigração não coincidia com a delimitação da pesquisa. Considerou-se então, esses elementos como informantes para possíveis esclarecimentos sobre a cultura libanesa em São Paulo.

O processo de busca continuou até formar um grupo para pesquisa qualitativa. A seleção se deu através de vários procedimentos: selecionar sujeitos indicados por outras pessoas que também tinham se proposto a participar do estudo; abordagem em locais públicos de pessoas falando árabe (tentava-se reconhecer o sotaque libanês) e, ainda, através de contatos via internet. Houve muitos contatos, facilitados pelas próprias entrevistadas, principalmente, Leyla, Maya e Suad. Como já mencionado, o indivíduo passava a ser considerado possível participante da pesquisa de campo a partir da sua identificação dentro dos parâmetros estabelecidos para compor o grupo. Muitos dos abordados não quiseram participar, alegando falta de tempo. Outros disseram que a hospitalidade libanesa é tão explícita que não entendiam o porquê da pesquisa. Quando surgiam dúvidas quanto

à qualificação do entrevistado, buscava-se apoio nos membros da comunidade, considerados informantes da pesquisa. Uma vez que os libaneses em geral conhecem a origem dos nomes de família, utilizou-se desse conhecimento para confirmação da procedência dos entrevistados, principalmente em contato com a Sra. Haifa Khouri Aude, imigrante Libanesa residente na cidade de Ribeirão Preto, SP, que apesar de ter emigrado na década de 50, tem mantido contato freqüente com o Líbano desde então. Tal senhora é considerada pela sociedade local de Ribeirão Preto como “consulesa honorária” do Líbano e possui um vasto conhecimento do país e das famílias originárias de diferentes regiões.

Buscou-se o referencial teórico em autores que tratam da hospitalidade e da imigração árabe.

A obra de Clark Knowlton (1960) é uma referência para pesquisas da imigração sírio e libanesa e difícil de ser encontrada. Knowlton (1960) traz particularidades interessantes no desenvolvimento da sua pesquisa e menciona as colaborações que recebeu, principalmente dos jovens descendentes de sírios e libaneses, que o ajudaram a conseguir membros da colônia para serem entrevistados, porque muitas vezes tinha recebido recusas de colaboração. Esta obra foi importante para orientação da conduta na pesquisa, principalmente no que se refere ao conteúdo das entrevistas. Os dados estatísticos fornecidos por Knowlton (1960) e também utilizados por Truzzi (1991) eram alguns dos poucos registros estatísticos da imigração na época.

Outra leitura específica foi a obra de Jean Salem (1967), cujo título “O Povo Libanês: ensaio de antropologia”, que remete à reflexão das características do povo Libanês, da sua cultura e das suas influências. Essa obra fala da origem fenícia do povo libanês mesclado com as tribos árabes e aborda a questão da dificuldade de unidade no país, que segundo o autor, entre outras características, deve-se ao aspecto geográfico e às guerras e domínios que sofreu ao longo dos anos..

Uma das obras que retrata bem a imigração de sírios e libaneses, por volta da década de 40, é “De mascates a doutores: sírios e libaneses em São Paulo” de Oswaldo Truzzi (1991). Narra a história de luta dos sírios e libaneses que chegaram ao Brasil, vindo como imigrantes independentes e que realizaram, na sua maioria, uma trajetória iniciada como mascates, buscando, de forma ambiciosa com muito esforço e trabalho, se inserir na sociedade. Investiam na educação superior de seus filhos (leia-se uma maioria de médicos, advogados, etc), porque acreditavam que

isso elevaria o seu “*status*”. Além disso, a obra fala das características da imigração e dos próprios libaneses. Uma das características interessantes que o autor aponta é o orgulho dos libaneses, que em algumas situações era tão grande, que não lhes permitia visitar a terra de origem, se já não tivessem sido bem sucedidos.

Mahjar (palavra da língua árabe) significa emigração. Roberto Khatlab (2002) traz nessa obra “*Mahjar – saga libanesa no Brasil*”, a trajetória dos imigrantes libaneses, a contribuição do povo libanês para aspectos da identidade brasileira. Ele também fala sobre a ascendência fenícia do povo libanês e cita as dominações sofridas no Líbano e sua posterior independência. Aponta as oportunidades de sobrevivência, de crescimento e de assimilação que o imigrante libanês encontra no Brasil. Descreve o seu processo de adaptação, que é iniciado na atividade de mascate e o esforço que essa profissão exigia. Por se tratar de um livro mais recente, o autor já menciona o trabalho de restauração do país no pós “guerra civil libanesa”. Esse trabalho foi encabeçado, pelo então Primeiro ministro, Sr. Rafik Hariri, enaltecendo o espírito de luta do povo Libanês.

Uma obra que pode ser considerada como referência sobre a imigração árabe é a de Claude Hajjar(1985) – “Imigração árabe cem anos de reflexão“ fala da presença dos árabes no Brasil e seu desenvolvimento, especialmente dos sírios e libaneses e da influência da cultura árabe no Brasil. Aborda um período amplo, incluindo neste, parte do período da guerra civil libanesa. Discorre sobre a importância das questões religiosas, indicando que a força da religião no Líbano é explicada pelo poder político que está revestida.

A obra de Gattaz (2005) “Do Líbano ao Brasil: história oral dos imigrantes” foi indicada pelo Prof. Oswaldo Truzzi e trouxe uma grande contribuição à pesquisa. Prof. Gattaz discorre sobre a imigração libanesa de 1880 a 2000 e trata da imigração de libaneses cristãos e muçulmanos, entrevistando os elementos seguidores das duas religiões. Ele adotou um quadro cronológico, apresentando de forma prática e educativa os períodos migratórios entre 1880 e 2000, indicando em cada um deles as respectivas causas e motivações da emigração. Além disso, disponibilizou uma bibliografia de livros, dissertações e teses que facilitou algumas informações necessárias ao trabalho.

Um dos fatos importantes na consulta à dissertação de Samira Osman (1998), “Caminhos da imigração árabe: história oral de vida familiar”, foi verificar a maneira como ela selecionou seus entrevistados, libaneses muçulmanos e seus

descendentes, e libaneses cristãos e seus descendentes. O resultado interessante de suas investigações foi a unanimidade de certos processos de adaptação, independentemente de serem libaneses muçulmanos ou cristãos. Outra questão bem apontada foi em relação aos casamentos mistos.

A dissertação de mestrado, “O quibe no tabuleiro da baiana: Uma reflexão sobre a imigração sírio e libanesa e o turismo cultural em Ilhéus” de Maria Luiza Santos (2003), retrata o imigrante sírio e libanês, como mascate e também como “turco Nacib”, personagem criado por Jorge Amado para a obra “Gabriela, Cravo e Canela”, que transformada em novela televisiva eternizou o personagem “turco Nacib”. A gastronomia libanesa está representada e descrita na dissertação de Santos, justificada pelo importante papel que a comensalidade representa na cultura libanesa.

Além disso, valeu-se de revistas, jornais, teses de mestrado e doutorado e documentos publicados na internet que tratam dos temas hospitalidade, cultura árabe e libanesa, imigração árabe e em especial, a imigração libanesa na cidade de São Paulo, bem como entrevistas com sujeitos qualificados.

Em relação à questão metodológica, foi considerado como o método mais adequado o uso da técnica da história oral, tendo como principal apoio as obras e os artigos de: Paul Thompson (1992), Michel Pollack (1989); José Carlos Meihy (1998); Alistair Thomson (2002) e Verena Alberti (2005).

Paralelamente à adoção da técnica de história oral continuou-se a coletar informações através de diversos contatos e entrevistas.

Complementando a utilização da história oral, foi feita uma extensa observação em: eventos, cerimônias e rituais da comunidade libanesa em São Paulo, por entender o método etnográfico, como aquele que é centralizado sobre a noção de observação participativa e por considerar a importância apontada por Malinowski (1976, p.28), “o etnógrafo de campo deve analisar com seriedade e moderação todos os fenômenos [...]”. A questão de a pesquisa ser participante e da própria pesquisadora fazer parte da cultura que investiga, a obrigou a um exame constante no seu exercício de observação, para não comprometer o resultado da pesquisa.

No entanto, a prática metodológica mais significativa e relevante foi a história oral pelas suas qualidades: a possibilidade de preservação e registro da história de

um povo, que mesmo que seja dizimado, terá a sua história registrada através dos relatos orais de seus representantes.

Para Célia Lucena (1999, p.24) “a fonte oral permite articular o passado no presente, faz com que o entrevistado volte a sua origem e busque os princípios de identidade”.

Ao refazer seu percurso e interpretar suas experiências e suas emoções entre o vivido e o sonhado, a história oral, mesmo que carregada de subjetividade, torna possível caracterizar o processo de adaptação de reconstrução da nova vida.

De acordo com Paul Thompson (1992), uma das vantagens do método de história oral é que permite ao pesquisador a criação de sua própria fonte de pesquisa, sendo aconselhável, a utilização desse método em assuntos que não possuam a sua disposição uma extensa referência bibliográfica específica.

Thompson (1992), Meihy (1996), Alberti (2005) apontam entre as várias vantagens da aplicação, as seguintes: a adequação a temas relacionados a imigração; oportunidade de se estabelecer uma “parceria”, um vínculo motivador entre entrevistador e entrevistado, a interação do mundo acadêmico com mundo exterior, além de poder ser realizado em qualquer lugar, em qualquer tempo, pois os colaboradores trazem a história dentro de si, e o importante será deixá-los bem à vontade para que essa história venha à tona.

Para a pesquisa de campo, foram realizadas entrevistas qualitativas com cerca de doze imigrantes Libaneses e esse grupo foi dividido em cristãos, muçulmanos e drusos, como já dito anteriormente, sendo que, nesse estudo, os cristãos estão representados por maronitas, greco-ortodoxos e melquitas e os muçulmanos representados por sunitas e xiitas. Os entrevistados não tiveram suas identidades reveladas, porque alguns deles assim o preferiram, opção que se levou a todos então, utilizando-se “nomes fantasia”. Foram caracterizados de acordo com as variáveis: gênero, data de chegada ao Brasil, religião e idade.

A divisão que existia na guerra civil libanesa não foi assumida claramente aqui no Brasil. Por essa razão, considera-se o método de história oral muito pertinente ao tema, pois pode contribuir para que os próprios participantes da pesquisa se voltem para si mesmos e reflitam as questões que por diversas vezes podem permanecer em silêncio de palavras, mas não em silêncio interno.

A história oral não é necessariamente um instrumento de mudança, isso depende do espírito com que seja utilizada. Não obstante, a

história oral pode certamente ser um meio de transformar tanto o conteúdo quanto a finalidade da história. Pode ser utilizada para alterar o enfoque da própria história e revelar novos campos de investigação: pode derrubar barreiras que existam entre professores e alunos, entre gerações, entre instituições educacionais e o mundo exterior e na produção da história – seja em livros, museus, rádio ou cinema – pode devolver às pessoas que fizeram e vivenciaram a história um lugar fundamental mediante suas próprias palavras (THOMPSON, 1992. p.22)

Os manuais do método escritos por Meihy (1998) e por Alberti(2005), advertem para a importância do equipamento para coleta e que o equipamento escolhido deve ser o mesmo em todas as entrevistas. Na presente pesquisa não se fez uso do gravador, sendo o caderno de campo, único instrumento para anotar as informações após as entrevistas. As informações foram checadas e complementadas com os informantes.

Alberti (2005, p.104) ressalta que cabe ao depoente imprimir o ritmo da entrevista e o entrevistador tem um papel relevante ao estabelecer uma cumplicidade, que permitirá um “aprofundamento” do tema pesquisado. Prolongar a relação das entrevistas, através de uma maior convivência em várias sessões, favorece uma familiarização progressiva de ambos os lados que facilita a “identificação das peculiaridades” do tema investigado. Muitas vezes é saudável desenvolver um relacionamento de amizade, para que o diálogo flua mais e que ambos trabalhem pelo objetivo comum. Essa ponte entre o entrevistador e o colaborador faz diferença e talvez explique porque “determinado entrevistado pode dizer certas coisas a um entrevistador e não a outro” (ALBERTI, 2005, p.105).

Em função de vários contatos com o mesmo depoente, notou-se a repetição das informações, o que permitiu a confirmação das entrevistas, bem como esclarecimento de dados que não estavam muito claros.

Pelo fato da pesquisadora ser descendente de libaneses, foi importante seguir as recomendações do método em não expor opinião pessoal sobre o tema tratado, para que o depoente não se fechasse ou alterasse o seu depoimento para agradar ao pesquisador, é importante que o entrevistador demonstre muitas vezes a empatia pela opinião deles.

No caso de imigrantes provenientes de um período de guerra, ocorre um conflito entre a memória oficial e a dor vivida individualmente chamada por Pollack (1989, p.4) de “memória subterrânea”.

Esses aspectos puderam ser percebidos pelo entrevistador ao longo das entrevistas, sendo uma ótima oportunidade para colher informações além das oficiais.

De fato, durante as entrevistas, percebeu-se o conflito entre essas “memórias concorrentes”. Pollack (1989, p.5) destaca a questão das “lembranças traumatizantes que esperam o momento propício para serem expressas”. Para um dos depoentes, Victor (muçulmano), a dor da experiência da guerra era de tal forma intensa que ele não foi capaz de narrá-la e preferiu enviar, via e-mail, depoimento sobre as suas impressões.

O método de história oral pode, em qualquer tempo, registrar, a história desse imigrante libanês para que não caia no esquecimento tudo que ele passou como testemunha ocular. O depoente poderá reviver um passado que o fará sofrer novamente, e ele tem que estar emocionalmente preparado para isso.

Tentou-se de várias maneiras convencer dois imigrantes libaneses a darem seu depoimento pela riqueza e importância de suas experiências para o assunto pesquisado. Houve vários encontros, amigos intermediando, mas apesar da vontade de colaborar, eles não conseguiram superar o bloqueio em reviver as suas dolorosas experiências. Este não foi um caso único.

Outra recomendação que foi útil nessa pesquisa foi a questão dos momentos de silêncio. No momento das entrevistas, especialmente, em função das experiências desses imigrantes, foi importante conhecer que esse silêncio pode ter significados diferentes, como: formulação da idéia seguinte; emoção ou dor provocados pelo fato lembrado; aspectos comprometedores e “zonas de interdito” como chama Alberti (2005, p.118).

Aliás, esse foi um dos aspectos que interferiu na realização dessa pesquisa. A guerra ocorrida em solo libanês, durante o período de 12 de julho a 14 de agosto de 2006, envolvendo o *hezbollah* e o governo de Israel, teve graves conseqüências a todos que estavam envolvidos nela direta ou indiretamente.

Diante dessa situação, os depoentes se apresentaram arredios à pesquisa e a maioria alegou não ter condições de continuar participando da pesquisa como entrevistados. O momento era para participar das mobilizações da comunidade libanesa em São Paulo em prol da paz no Líbano e dos trabalhos do SOS Líbano, que a comunidade libanesa em São Paulo se mostrava empenhada em realizar naquele período.

Os entrevistados não estavam em condições de falar de hospitalidade em tempos de hostilidade, por causa da guerra assustadora, chamada de catástrofe humanitária pelo escritor Roberto Khatlab⁵, por causar horrores não só aos libaneses, mas às comunidades libanesas em solos estrangeiros e aos povos do mundo que, através da mídia, puderam acompanhar em tempo real esse momento trágico da história do Líbano.

A guerra foi inesperada, devastadora e considerada um massacre. Os libaneses estavam traumatizados. No entanto, acredita-se que em alguns casos tenha ocorrido uma alteração na percepção dos depoentes, pois ficaram mais conscientes da relevância em cooperar com projetos sobre a cultura libanesa. Acreditavam que essa colaboração traria resultados para a preservação dessa cultura. Por essa razão, como salienta Thompson (1992), é importante desenvolver o projeto com um vínculo ativo e constante com a comunidade local, nesse caso a comunidade libanesa em São Paulo, com o intuito que se devolva a ela, de algum modo, o material que se coletou.

⁵ Informação obtida em contato com o Sr. Roberto Khatlab, via correio eletrônico, em julho de 2006. O Sr. Roberto Khatlab é autor de várias obras que tratam de temas relacionados à imigração libanesa. Atualmente faz parte da área de pesquisa da Universidade Notre Dame em Beirute - Líbano.

Capítulo 1 - IMIGRAÇÃO

Nem cidadão nem estrangeiro, nem totalmente do lado do Mesmo, nem totalmente do lado do Outro, o “imigrante” situa-se nesse lugar “bastardo” de que Platão também fala, a fronteira entre o ser e o não-ser social.

Pierre Bourdieu (apud SAYAD, 1998 , p.11).

1.1 O Processo da Imigração

O processo migratório tem implicações amplas e complexas e envolve diferentes tipos de movimento.

Seja qual for a sua forma e a sua motivação, a migração supõe mudanças profundas - novos espaços, novos valores, novos códigos culturais. Assim, a trajetória da migração é marcada pelo sofrimento de ruptura, pela expectativa quanto ao seu acolhimento e pela esperança de integração e novas conquistas.

Abdelmalek Sayad (1998, p.15) enfatiza que a imigração é um “fato social completo” – que, para ele, é uma banalidade que é importante lembrar.

Um imigrante para ser inserido na nova cultura precisa reconstruir os papéis sociais e, para isso, deve aprender os valores e códigos que balizam a conduta do novo país. Esse aprendizado se insere em um contexto de rupturas. As novas experiências e as necessárias adaptações precisam contornar os costumes, os valores que, muitas vezes, contrariam a tradição do país de origem.

As causas e motivos que determinaram a partida, bem como as ilusões sobre a terra de exílio podem facilitar ou dificultar o processo de integração. Ecléa Bosi (2003, p.176) evoca o sofrimento relacionado com a separação.

O imigrante perde a paisagem natal, a roça, as águas, as matas, a caça, a lenha, os animais, a casa, os vizinhos, as festas, a sua maneira de vestir, o entoado nativo de falar, de viver, de louvar a seu Deus... Suas múltiplas raízes se partem.

Por essa razão parece justo pensar a questão do imigrante em termos de desenraizamento, porque o migrante vai ‘mergulhar’ em uma nova cultura onde esse desenraizamento é agudo. O importante, diz ela, é “não buscar o que se perdeu: as raízes já foram arrancadas, mas procurar o que pode renascer nessa terra de erosão” (BOSI, 2003, p.177). No entanto, um dos depoentes, Manar, relatou que se sente como uma árvore, dizendo: “a minha raiz está no Líbano e as folhas dela estão aqui no Brasil, então se cortar a “raiz”, ela morre”.

Sayad (1998, p.15) também aponta para a importância do estado psicológico do imigrante em função do seu descolamento e da privação de um lugar preciso no espaço e nas classificações sociais, pois, segundo ele, “o espaço do deslocamento não é apenas um espaço físico, ele é, também, um espaço qualificado em muitos sentidos, socialmente, economicamente, politicamente, culturalmente, (sobretudo através das duas realizações culturais que são a língua e a religião)”.

A trajetória da imigração envolve os sentimentos de desligamento e perda da terra de origem, as expectativas de como será recebido na nova pátria e a ansiedade pelos novos desafios que nelas se apresentarão.

Nessa circunstância a questão da hospitalidade que, essencialmente está fundada na alteridade, é de vital importância – é, no dizer de Godbout (1997, p.37), “o lugar do dom ao vivo, a prova social entre o nós comunitário e o estrangeiro desconhecido”.

A obra de Sayad trata dos paradoxos de alteridade da imigração, que apresenta, entre muitos, uma dupla contradição resultante desse fenômeno: “não se sabe mais se trata-se de um estado provisório que se gosta de prolongar indefinidamente ou, ao contrário, se trata-se de um estado mais duradouro mas que se gosta de viver com um intenso sentimento da provisoriedade.” (1998, p.45).

A imigração permite esse paradoxo da oscilação do ficar e do retornar, não propiciando ao imigrante o sentimento de mais pertencer à terra de origem e tampouco se sentir pertencente a nova terra, nova pátria.

Na pesquisa de campo percebeu-se que os imigrantes vinham ao novo território pensando apenas em ficar por um curto período e voltar à terra de origem quando a guerra civil acabasse. Todos os dias pensavam que seria uma imigração provisória, considerada por eles como traumática e forçada, porque não tinham para onde voltar, enquanto a guerra civil não terminasse. Alguns deles disseram que era uma constante pensar no retorno, mas como a guerra acabou por durar 15 anos,

consideraram tarde demais e perceberam que não seria viável retornar, seja pela questão dos filhos, que mesmo que fossem nascidos no Líbano, já tinham se adaptado ao Brasil e também eles próprios já estavam estabelecidos profissionalmente e economicamente no Brasil. Uma das entrevistadas, Leyla relatou que durante 28 anos sonhou em comprar uma casa na terra de origem e não na nova pátria, porque pensava em retornar ou pelo menos estabelecer uma residência para recepcionar os netos brasileiros, em suas férias anualmente. Porém após a recente guerra no Líbano de 12 de julho a 14 de agosto de 2006, ouviu de um de seus filhos, casado com uma libanesa, que o Líbano acabou e que era hora de terminar com esse sonho e adquirir uma residência no Brasil, ou seja, nesse caso interrompeu-se qualquer situação de provisoriedade, prolongada por tantos anos e circunstancialmente abandonada, dando espaço a uma conjuntura definitiva. Vale lembrar que “nenhuma guerra acaba, mesmo que os livros a datem, pois seus resultados, suas conseqüências ficam.”⁶

Outro fator que evidenciou esse estado provisório na imigração pesquisada foi que alguns dos depoentes matricularam seus filhos em escolas estrangeiras para que aprendessem em um sistema educativo que facilitasse a sua adaptação no retorno ao Líbano, pois acreditavam que o mesmo se daria após o fim da guerra, motivo pelo qual emigraram. No entanto, o combate se prolongou e eles acabaram por aceitar a sua condição de imigrante “instalado” na nova pátria.

Por outro lado, como comenta a depoente Maya, o fato de estender indefinidamente o estado provisório sugere comodismo e falta de vontade, Essa prolongação impede o imigrante de assumir o seu papel de cidadão e prolonga a sua estada como imigrante, muitas vezes alienado, por não adotar de forma concreta (definitiva) a nova pátria, embora permanecendo nela.

Registra-se o fato que todos os entrevistados do grupo se naturalizaram e muitos declararam que o fizeram a partir do momento que perceberam que queriam ficar no Brasil.

Quando a guerra acabou (90/92) poucos retornaram. Esse retorno se apresentou principalmente como uma solução aos imigrantes que não foram bem sucedidos.

6 Prof. Dra. Safa Jubran compoendo a mesa de debate sobre o filme “Beirute Ocidental” no Museu de Imagem e Som em São Paul, em ooutubro de 2006.

Por outro lado, houve também casos de imigrantes, bem sucedidos, que, por ainda se sentirem sem identidade, decidiram voltar. É o caso de Tony, um dos entrevistados que apesar de gostar muito do Brasil, ficou, durante algum tempo, indeciso entre ficar ou voltar.

Quando chegou ao Brasil, em 1976, Tony achou que as pessoas eram comunicativas, atenciosas, abertas, hospitaleiras, tanto assim que namorou uma brasileira que conheceu ao pedir informações no trânsito. Mesmo assim, disse que ainda se sente sem raiz.

Ele já conhecia a experiência da imigração através de seu pai que fora imigrante na Turquia.

Tony veio ao Brasil com a sua mãe e com o seu irmão mais novo. Quando sua mãe retornou ao Líbano, ele passou a visitá-la uma vez por ano. Apesar de estar adaptado ao Brasil, em 2002, Tony regressou ao Líbano, não apenas para passear ou visitar sua mãe como fazia freqüentemente, mas desta vez voltou para morar. Dentre as razões indicadas por ele, estava a sua decepção com a falta de seriedade no Brasil, assinalando que a honestidade e a responsabilidade ética são lemas na sua vida. No entanto, esse retorno não se mostrou como a melhor solução, pois fazendo um balanço, valorizou o que já tinha conquistado no Brasil, tanto nos negócios, como nas amizades e relacionamentos. Valorizou também a importância da privacidade conquistada e se deu conta do amor que já sentia pelo país que o acolhera. Isso não quer dizer que a sensação de não pertencer a lugar algum o tenha abandonado, a questão da falta de “raiz” ainda o incomoda, além da perda de convivência com parte de seu núcleo familiar.

Tony disse ainda que, paira a dúvida de ter escolhido corretamente o país de destino para a imigração, pois diferentemente da maior parte de outros imigrantes do mesmo período, ele tinha também um visto para residir no Canadá, que segundo ele, um país que apresentava características mais adequadas ao seu perfil. De qualquer forma, reconhece que poderia ter dificuldades, porque não aprecia segregação e acredita que talvez no Canadá não tivesse oportunidades de integração com a população local, como encontrou no Brasil. Ele tem um amplo círculo de relações e apesar dos pontos negativos que ele ressalta, como violência e segurança, diz: “Sinto um bem estar no Brasil”.

O libanês René também apontou a violência para seu desejo de retornar ao Líbano. Com toda a razão, pois por ser ourives, foi assaltado por três vezes. Não

retornou ao Líbano em razão da continuidade da guerra civil e posteriormente se casou com uma brasileira e decidiu permanecer no Brasil.

Thomson (2002, p.341) diz que é importante lembrar que a migração física ocorre com os imigrantes propriamente ditos, no entanto, as influências e conseqüências positivas e negativas desse fenômeno, são heranças para gerações seguintes. As atitudes dos imigrantes frente a seus descendentes nascidos na nova pátria podem dificultar ou facilitar o desenvolvimento destes, principalmente na questão pertencer ou não pertencer, como diz uma das entrevistadas: “Não me sinto pertencente ao Brasil e quando vou ao Líbano, não me sinto pertencente lá também”. Quando indagada sobre os seus descendentes, acredita que eles se sintam brasileiros e que esse sentimento de não pertencimento se restrinja apenas a ela e ao seu marido. Porém, acrescenta que os seus filhos prefeririam não ter estudado em escolas para estrangeiros, que produzem, muitas vezes, vínculos provisórios entre os seus estudantes, porque nessas escolas, a maioria dos alunos pertence a filhos de diplomatas, executivos estrangeiros, e dessa forma, dificulta a criação de vínculos entre eles. Acredita que a escola, onde estudam brasileiros em geral geram oportunidades de adaptação e de vínculos de amizade sólidos que contribuem para a sua formação de uma identidade brasileira.

Thomson (2002) diferencia os imigrantes que tentam ressaltar a sua etnicidade e os que tentam disfarçá-la.

No episódio da recente guerra de 12 de julho de 2006, travada em solo libanês, houve várias manifestações da comunidade libanesa em São Paulo. Dentre elas, uma na assembléia legislativa em São Paulo. Em discurso, um deputado estadual de origem libanesa disse: “Vamos mostrar a nossa cara, vamos dizer quem somos. Não se envergonhem de serem libaneses, pelo contrário, se identifiquem como tal, vamos nos unir em prol do Líbano”.

Acredita-se que na comunidade libanesa em São Paulo, muitos tentavam disfarçar a sua etnia, talvez herança da “imagem de aventureiros suspeitos, presente na década de trinta” (TRUZZI, 1997, p. 73). Pode ser também a questão do chamamento de “turco”, que ainda soa pejorativo na comunidade, inclusive um dos entrevistados relembra: “após quinze dias no Brasil me chamaram de ‘turco’ e ‘garrafas rolaram’, ou seja, os libaneses presentes se envolveram na questão”.

Em palestra na Usp em 2005, Jeffrey Lesser abordou a questão da identidade étnica nas imigrações orientais e um dos aspectos abordados foi o

chamamento pejorativo “turco”, “turca”, “turquinho” e “turquinha” aos imigrantes libaneses e sua descendência. Em trabalho de campo na comunidade libanesa, os entrevistados confirmaram que essa denominação é considerada pejorativa até os dias atuais. Lesser (2005) na palestra proferida, coloca a possibilidade dessa ofensa ser maior ou menor, ou até quase inexistente, em função do relacionamento existente entre o imigrante e quem se dirige a ele. Uma ouvinte da palestra comentou que pessoas brasileiras amigas de sua família a chamavam de “turquinha” e que isso não a incomodava muito, justamente por serem pessoas queridas e expressarem esse chamamento de uma forma carinhosa.

Outro aspecto é que a aparência muitas vezes não permite identificação da origem do imigrante. Dentre o grupo pesquisado, há indivíduos claros com traços europeizados e aspectos bem diferentes do estilo típico do imigrante sírio libanês descrito por (ELLIS JR 1934, p.198-9 apud TRUZZI) como “homens grandes, trigueiros, altos, de aspecto forte, abundantemente servidos de pellos, falando idioma muito guttural e incompreensível”; (1997, p.70.). Os imigrantes e descendentes que apresentam o biotipo descrito pelos autores são mais facilmente associados a sua identidade étnica e cultural árabe. Caso esses não se sentirem confortáveis em estar associados a sua etnia, terão mais dificuldade em negá-la ou omiti-la.

Pelo fato dos homens terem vindo primeiro e na maioria dos casos ainda solteiros, houve um maior entrosamento em função dos casamentos com brasileiras. Entre entrevistados se percebeu que 50% dos homens estão casados com brasileiras. Já com relação às mulheres, a maior parte veio casada e as que vieram solteiras se casaram com libaneses ou descendentes de libaneses. No entanto, nas gerações que os sucederam, mesmo os filhos que nasceram no Líbano, apresentam uniões co-étnicas e co-religiosas.

Faz-se menção a família de Leyla, cujo filho mais velho muçulmano se casou com uma imigrante de um país europeu e de religião cristã, que foi mantida na união. Leyla e seu marido aprovaram o casamento, respeitando as diferenças culturais. Acreditam até que, essa incorporação de elementos de outra etnia, agrega conhecimento e amplia as relações. Por exemplo, a filha do casal receberá do pai o ensinamento da língua árabe e da religião muçulmana e aprenderá através da mãe a sua língua nativa e a religião cristã.

“A cultura não tem fronteiras, só o preconceito é capaz de impô-las⁷”.

Entende-se que a imigração pode produzir dois extremos no posicionamento do imigrante:

O imigrante, muitas vezes no novo território, tem dificuldades de assimilação e adaptação e não interage com a cultura dominante, valoriza e idealiza a sua terra de origem, preferindo se manter como um eterno “estrangeiro”, vivencia a sua experiência migratória como um “transplantado” (Bodnar apud Thomson (2002, p.347)).

Nas palavras do Prof. Alain Kaly: “quando há troca cultural e aquisição de conhecimento, o preconceito é trabalhado⁸”. A postura do imigrante que não interage com a cultura receptora, que não se dispõe a fazer trocas e se empenha em transmitir às próximas gerações a sua cultura de origem, acaba por se segregar.

Fátima, drusa, durante a entrevista, entre outras informações fornecidas, foi solicitada a comentar as palavras do intelectual Nagib Assrauy:

Emigração... tem trazido aos drusos um sério problema...em contratar casamentos acordados com mulheres de outras crenças religiosas com as quais ele constitui família, tem filhos, e, sem querer, sem desejar, tornou-se num agente alterador da pureza de sua raça), e, dessa forma, extinguindo a herança que ele recebeu de seus pais e avós (ASSRAUY, 1967 apud KARAM, 2003, p.180).

Fátima concorda com a citação de Assrauy, considera que é preciso se manter a tradição de raça pura e para isso os casamentos devem ser realizados dentro da comunidade drusa, ou seja, homem e mulher de linhagem drusa.

A comunidade libanesa aparentemente não apresenta aspectos de segregação em São Paulo. No entanto, na avaliação dos próprios imigrantes de outras religiões, a comunidade drusa forma um grupo fechado.

Na pesquisa bibliográfica, autores como Alistair Thomson (2002), por exemplo, apresenta outro extremo que é o imigrante que renega as suas raízes, que quer esconder as suas origens, seja por vergonha, seja por medo de sofrer discriminação, seja para ser aceito, ou seja, para não sofrer e se adaptar ao novo

⁷ SILVA, Sidney A - Prof. Da Universidade Federal do Amazonas. Faces da Latinidade: Hispano-Americanos em São Paulo. Seminário Migrações desafios para o século XXI – 17 a 20 de outubro de 2006

⁸ KALY, Alain Pascal – Pós-doutorando Departamento História - Universidade Estadual de Campinas. A procura de oportunidades ou desembarque por acidente: jovens africanos no Brasil. Seminário Migrações desafios para o século XXI – 17 a 20 de out. de 2006

território o mais breve possível. Esse imigrante se preocupa em assimilar rapidamente a cultura dominante e esquecer a terra de origem. Deseja construir uma nova vida literalmente, buscando a ruptura com o seu passado. No entanto, alguns traços étnicos denunciam a origem do imigrante como no caso dos asiáticos que não podem negar a sua origem ou descendência. (ligado a questão proposta por Jeffrey Lesser, já comentado na pág. 26).

No entanto, dentro do grupo de imigrantes libaneses estudados, não houve dúvidas em se naturalizar. Todos já se naturalizaram brasileiros e os motivos são diversos, o principal deles é porque gostaram de viver no Brasil, se identificaram com o país e quiseram ficar, seguidos de outras razões interessantes, como: queriam se tornar cidadãos, munidos de direitos e deveres e respeitados como os nativos. Um outro motivo apontado foi o desejo de ter um passaporte brasileiro que lhes dava maior liberdade de ir e vir. Outros entrevistados apontaram ainda o fato de lhes dar maiores facilidades para abertura de negócios, e um entrevistado citou a vantagem de ter direito ao voto. Um fato relevante apontado pela maioria deles foi a questão da segurança..

Essa questão da segurança, também foi apontada por Sayad (1989). Diz ele que, que por estar fora de seu país, o imigrante alimenta angústias e medo de ser expulso.

Godbout (1997) se refere a esse impasse no momento crucial da questão da hospitalidade relacionada ao imigrante, que é o momento em que ele deve abandonar o anseio da volta ao país de origem e se tornar cidadão no novo país. Essa passagem, segundo Godbout, coloca problemas específicos.

É uma fase paradoxal que Godbout (1997) apresenta da seguinte maneira:

Por um lado, o imigrante enquanto novo membro da cultura tem novas responsabilidades - a ignorância e a transgressão dos códigos não serão mais tolerados da mesma maneira. A ele serão cobrados os mesmos padrões e as mesmas expectativas que se tem em relação aos outros. Por outro lado, o imigrante, agora se sentindo em casa, vai perceber a necessidade de mostrar e manifestar suas peculiaridades, ou seja, ele vai permitir tornar visíveis as diferenças que ele considerava normal, esconder enquanto estrangeiro. Para Godbout (1997) essa é uma maneira de verificar se ele é verdadeiramente aceito, se ele “está em casa”. É, portanto, uma fase de tensão, antes que o imigrante seja integrado e considerado realmente como parte da sociedade.

A sobrevivência do grupo no novo espaço implica em conquistar a sensação de pertencimento num processo de conquista através de uma longa adaptação. O caso da entrevistada Aman exemplifica essa conquista que revela uma generosidade assimilacionista:

Ela chegou em 1975, veio por causa do marido, que já residia no Brasil e estava rodeado de família e amigos aqui. Disse que apesar de ter vindo no período de início da guerra civil, não foi esse o exato motivo, mas sim porque tinha se casado e veio para a nova terra escolhida pelo marido. Foram recepcioná-la no aeroporto bem a moda árabe (toda a família e amigos). No primeiro momento já amou as pessoas, o país, se identificou com os brasileiros, se sentiu muito acolhida. Reside no Brás. Lidera o *grupo feminino* de uma entidade islâmica e diz que vem servindo a Deus, desde a sua adolescência. Não atua somente dentro da comunidade libanesa, mas também ministra cursos a brasileiros que se interessam pelo islamismo e faz um trabalho voluntário que envolve benefícios aos brasileiros. Ela se sente parte do Brasil e diz que é muito feliz aqui. Reitera a sua alegria de ser uma pessoa com “duas pátrias”.

1.2 Condições Históricas da Emigração Libanesa

O imigrante só existe na sociedade que assim o denomina a partir do momento em que atravessa suas fronteiras e pisa seu território, o imigrante “nasce” nesse dia para a sociedade que assim o designa. Dessa forma, ela se arvora o direito de desconhecer tudo o que antecede o momento a esse nascimento. (SAYAD, 1998, p.16).

Líbano⁹, encontro do ocidente com o oriente, está localizado na “linha de interseção de duas culturas, a da Europa mediterrânea e cristã e a do mundo árabe-muçulmano” (SALEM, 1969, p.22-23).

Essa intersecção trouxe oportunidades de enriquecimento cultural, possibilitando uma visão de mundo sob a ótica de uma pluralidade cultural, que de certa forma pôde preparar o povo Libanês para a assimilação de novas culturas em

⁹ Apesar de historicamente o país Líbano ter conquistado a sua independência em 1943, nomeia-se, nessa dissertação, como Líbano, mesmo antes desse período, a região conhecida, identificada como tal.

seus posteriores movimentos migratórios, tanto para o ocidente, quanto para o próprio oriente.

Salem (1969) associa os cristãos ao ocidente e os muçulmanos ao oriente, e considera o Líbano como sendo, talvez, o único lugar onde essas duas culturas realmente se ‘partilham’. Os cristãos estão representados pelos cristãos maronitas¹⁰, greco-ortodoxos¹¹ e melquitas¹² e os muçulmanos¹³ pelos muçulmanos sunitas e xiitas. Há também uma participação dos druzos¹⁴, que foram fortes participantes da conquista da independência do Líbano, em 1943. É importante apontar para a relevante contribuição dos judeus orientais¹⁵, uma religião não ligada ao cristianismo nem ao islamismo, mas que teve um papel de destaque nesse intercâmbio cultural.

Vale destacar que essa localização geográfica, apresentada como provedora de oportunidades de intercâmbio cultural entre ocidente – oriente, pode ser considerada, também, como uma das causas de vulnerabilidade de seu território para invasões e dominações de outros povos.

Mapa do Líbano¹⁶

¹⁰ Os cristãos maronitas seguem o rito Católico Oriental. Sua herança leva a Maroun, um monge eremita e após a sua morte em 435 DC, adotou o seu nome. O primeiro patriarca maronita foi indicado no final do séc. VII. Hoje representa um dos principais grupos religiosos no Líbano. http://en.wikipedia.org/wiki/Maronite_christian Acesso em: 23 jan.2007.

¹¹ Cristão greco-ortodoxo segue o rito da Igreja Ortodoxa da Antioquia; como uma auto célula da igreja ortodoxa do Oriente, alega ser a única sucessora legítima da comunidade fundada em Antiochia pelos apóstolos São Pedro e São

Paulo. <http://en.wikipedia.org/wiki/Greek_Orthodox_Church_of_Antioch Acesso em: 25 jan. 2007

¹² Católico melquita segue rito da Igreja Católica Grega Melkita *sui iuris* particular da Igreja Católica em comunhão com o Papa. Atualmente conta com aproximadamente 1,5 milhões de adeptos no mundo todo. <http://en.wikipedia.org/wiki/Greek_Melkite_Catholic_Church. Acesso em: 25 jan.2007.

¹³ Muçulmanos - Seguem o islã, religião monoteísta que surgiu na Península Arábica no séc.VII, baseada nos ensinamentos religiosos do profeta Muhammad(Maomé) e numa escritura sagrada, o Alcorão. São divididos em xiitas e sunitas. <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Um%C3%A7ulmano>. Acesso em 23 jan. 2007.

Muçulmanos Xiitas - A segunda maior denominação da fé islâmica, acreditam na descendência do profeta Muhammad, representada por seu genro Ali. <http://em.wikipedia.org/wiki/Shia_Muslim. Acesso em: 25 jan. 2007.

Muçulmanos Sunitas são a maior denominação do islã e representam a descendência do Islã que veio através do califato, que se iniciou com Abu Bakr. <http://em.wikipedia.org/wiki/Sunni_Muslim. Acesso em 25 jan, de 2007

¹⁴ Druzos são uma comunidade religiosa separada – diferente. Baseada no Oriente Médio. São dissidentes do Islã e influenciados por outras correntes religiosas e filosofias, incluindo a filosofia grega. <<http://em.wikipedia.org/wiki/Druze>. Acesso em: 25 jan. 2007.

¹⁵ Judeus orientais. Nesse estudo trata-se dos judeus libaneses. São tradicionalmente uma comunidade *mizrahi*, residindo atualmente no Líbano, maioria em Beirute e arredores. A maior parte deles emigrou para Israel, França e América do Norte. 100 judeus atualmente moram no Líbano, comparado aos 20.000 em 1948. > <http://em.wikipedia.org/wiki/Lebanese_Jews. Acesso em 25 jan. 2007.

¹⁶ Mapa do Líbano. Disponível em: <http://www.sphereinfo.com/map/lebanon>. Acesso em 09 dez 2006.



O Líbano sofreu várias dominações ao longo de seu processo histórico e essas invasões foram também responsáveis pela forte motivação para a emigração.

Destacamos as mais importantes. A primeira delas, a dominação do Império Otomano que durou quatro séculos (1515 a 1918).

O domínio otomano foi diferente para os cristãos e para os judeus. A sua liberdade intelectual foi cerceada e eles foram humilhados. (SAFADY, 1966). Uma informante da presente pesquisa, pertencente ao período de imigração na década de 50, conta o que seu pai lhe narrou quando ela era adolescente, “os representantes do império otomano chegavam a qualquer hora do dia ou da noite na nossa casa, nesse caso de libaneses cristãos, greco-ortodoxos, e, nessas ocasiões éramos “obrigados” a servir um jantar com tudo de melhor. Além disso, eles eram obrigados a pagar uma taxa especial denominada “jizya” (GATTAZ, 2005, p.16). Entretanto, para os cristãos e judeus, pior que se submeter a esse tratamento

de opressão e humilhação, foi a conscrição, o recrutamento militar para servir como “turcos” do Império Otomano na Primeira Guerra Mundial.

“O rude tratamento imposto aos conscritos cristãos pelos soldados e oficiais maometanos determinou a emigração de milhares de cristãos que queriam fugir do serviço militar”. (KNOWLTON, 1960, p.23).

O medo de ter que servir o exército otomano apressou uma emigração precoce de jovens. Muitos pais tentavam pagar as taxas para seus filhos para que não fossem alistados, no entanto, não era mais válida essa atitude .

Uma informante libanesa, radicada no Brasil há mais de quarenta anos, relata que seu pai, libanês, cursava medicina na Universidade Americana de Beirute na época do alistamento e, como não tinha intenção de emigrar, se enclausurou por quatro anos na universidade. Não saiu do campus da faculdade por quatro anos de medo de ser enviado ao exército.

Até o final da primeira guerra, houve um grande êxodo de cristãos. Entre os muçulmanos o número de emigrantes foi menor, talvez a sua identificação religiosa com os otomanos não tenha produzido o mesmo sentimento de opressão sentido pelos cristãos.

Segundo Knowlton (1960, p.29), “o movimento emigratório começou em Bethlehem por volta de 1870 e aos poucos se espalhou pela Síria e Líbano”. Vale destacar que, durante o período Otomano, o Libanês não tinha representatividade diplomática e portava o passaporte turco e assim o era considerado, o que o desagradava profundamente.

Ao final da primeira Guerra Mundial, com a vitória da França e da Inglaterra e a conseqüente derrocada do império otomano, aliado dos alemães, estabeleceu-se o chamado protetorado e as duas grandes potências dividiram o poder, sendo que a Inglaterra ficou com o domínio da Palestina, Jordânia e o Iraque e a França, com o domínio do Líbano e da a Síria.

Nessa ocasião, muitos libaneses que já haviam emigrado para fugir do domínio otomano, retornaram ao Líbano acreditando que a soberania e autonomia do país seriam restauradas. Para os Libaneses, que sempre almejavam sua independência e acreditavam que a teriam com a queda do império otomano, foi uma decepção muito grande, um descontentamento que se tornou um dos motivos para o novo movimento de emigração. O depoimento deles impediu que a maioria de seus compatriotas voltasse para a Síria e para o Líbano. (KNOWLTON, 1960).

O Líbano e a Síria só conquistaram sua plena independência após mais de vinte anos de domínio Francês, respectivamente em 1943 e 1946.

Durante o período de domínio francês houve um favoritismo aos cristãos maronitas que se identificavam com o ocidente por acreditarem ser descendentes de fenícios e não dos árabes. Além disso, o censo realizado em 1932 (o último oficialmente realizado no Líbano), acabou por indicar uma maioria cristã no país¹⁷, concedendo, nesta época, mais cadeiras no parlamento aos cristãos do que aos muçulmanos.

É muito complexa a questão dos conflitos no Líbano, mas a guerra civil de 1975 a 1990, que alguns poucos chamam de conflito militar, foi uma fase de tragédias e destruição que abalou a esperança de muitos libaneses e foi responsável por uma nova onda de emigração.

1.3 Características da Emigração Libanesa

O início das imigrações síria e libanesa para o Brasil, data de 1870 e, segundo Truzzi (1991) e Gattaz (2005) elas se caracterizaram como sendo espontâneas, independentes e predominantemente urbanas.

“Em contraposição a outras etnias, não se tratava de uma imigração subsidiada. Os sírios e libaneses emigravam por conta própria, o que por eles é referido, orgulhosamente, como prova inequívoca de um espírito ativo”. (TRUZZI, 1991, p.12).

Por serem registrados sob várias denominações – turcos, turco-árabes, sírios ou libaneses – a estatística do movimento de emigração é imprecisa. Truzzi (op.cit, p.8), aponta esta falha quando comenta que: “Em termos relativos, as estatísticas disponíveis para o estado de São Paulo, apenas nos permitem focalizar períodos compreendidos após 1908”. Assim, percebe-se que não há dados confiáveis sobre o que ocorreu antes desse período.

¹⁷ MELLO, Kátia. 1a Incertezas da vitória. Disponível em: <http://www.mre.gov.br/portugues/noticiario/nacional/selecao_detalhe.asp?ID_RESENHA=143974>. Acesso em: 18 jan. 2007.

No período de 1908 a 1941, “os turco-árabes encontram-se em sexto lugar entre as etnias, contribuindo com cerca de 4% do total da imigração vinda a São Paulo neste período, o que corresponde a quase o dobro de sua participação relativa no país como um todo”. (KNOWLTON (1960, p.43), *apud* TRUZZI, *op.cit*).

Gattaz (2005) divide em quatro fases a emigração libanesa compreendida entre o período de 1880 a 2000, no entanto, percebe-se que em todos os períodos, os fatores preponderantes para a emigração apontados por ele, foram as questões econômicas e a falta de oportunidades de crescimento. (será que esse parágrafo não foi já utilizado?)

Cabe, nesse momento, apresentar as características do país, para um melhor entendimento das questões que serão abordadas posteriormente. “O Líbano com uma extensão geográfica de 10.400 km²” (SALEM, 1969, p. 22), apresentava uma alta densidade populacional. Fatores como: uma indústria praticamente inexistente, uma atividade agrícola em pequenas propriedades nem sempre capaz de sustentar as pessoas da família e os vários conflitos minando, cada vez mais, as oportunidades a seus jovens, alimentaram a esperança de enriquecimento fácil em outro continente, ou melhor na América remetendo ao jargão “Fazer a América”¹⁸. Muitos foram os pioneiros que partiram para a América tentando fazer fortuna e isso pode ser constatado através do expressivo volume de dinheiro enviado pelos imigrantes às suas famílias no Líbano. O retorno de imigrantes bem sucedidos foi um forte estímulo à emigração daqueles que ficaram, causando um “efeito corrente”. (GATTAZ, 2005, p.35).

Os primeiros grupos que voltaram a sua terra natal introduziram em todo o Líbano as boas notícias sobre o Brasil, seu povo pacífico, sua hospitalidade e a facilidade de trabalho. Daí, começaram a aumentar em número os pretendentes a deslocamento para o Brasil, e os navios aumentavam cada ano seus passageiros, enquanto o país recebia, sucessivamente, maior número de imigrantes *ben-árabes* (filhos de árabes), sejam libaneses, sírios ou palestinos. (SAFADY , 1966, p.163)

Na imigração sírio e libanesa, esse sonho de “fazer a América” foi estimulado pela influência dos missionários Americanos estabelecidos no Líbano desde o Império Otomano e pelos fundadores das escolas Americanas no país (participantes

¹⁸ “Fazer a América” foi o termo utilizado para denominar o sucesso, o ser bem sucedido, o prosperar, enfim, o enriquecer, em várias obras que tratam do tema imigração, entre elas a de Boris Fausto que se intitula “Fazer a América” e as de Knowlton (1960) e Truzzi (1991 e 1997)

expressivos da formação de jovens Libaneses) e, também, pela imagem de riqueza dos visitantes americanos ao Líbano.

Além disso, “América” não se restringiu aos Estados Unidos e sim a toda as Américas, com destaque especial ao Brasil.

Não é possível se afirmar que o Brasil que tenha recebido o maior número de imigrantes e descendentes Libaneses em todo o mundo, porque não há estatísticas oficiais, que comprovem esses dados.

1.4 A Motivação da Emigração dos Libaneses para o Brasil

No Líbano, o Brasil ficou conhecido através da visita de Dom Pedro II ao Oriente Médio, estimulando a abertura para imigrantes. (Khatlab, 2002, p.23 e Kemel, 2000,p.31).

Apesar dos estímulos para a emigração ao Brasil, o primeiro grande sonho dos emigrantes Libaneses era os Estados Unidos, terra da fartura e oportunidades. No entanto, nem todos puderam realizar esse sonho, porque vários libaneses foram barrados por causa de seu analfabetismo e, também, devido a problemas de saúde, principalmente doença nos olhos.

Quando o imigrante Libanês não conseguia entrar nos EUA, ao invés de ser levado de volta ao Líbano, era convencido a desembarcar em um dos portos brasileiros, especialmente no Rio de Janeiro, com o argumento de que o Brasil também era América. Em outras situações, era o próprio emigrante que por antever tantas exigências para os Estados Unidos, já optava por outro local como, por exemplo, o Brasil, onde existiam poucas barreiras para a entrada.

Os “caminhos da emigração” eram feitos em navios via Gênova, Marselha, Alexandria e outros portos e, enquanto seus barcos não chegavam ao destino, hospedavam-se em hotéis e pensões. Muitas vezes a espera era longa e, nesse período, em contato com informantes, trocavam idéias sobre os países a que estavam se dirigindo. “Os emigrantes que voltavam, chamados ‘torna-viagem’, os preveniam sobre as condições que iriam encontrar. Frequentemente, devido a esses

conselhos, alteravam a rota, escolhendo outro país”. (DUOUN, 1944, p.90-91 *apud* KNOWLTON, 1960, p.28)

Truzzi (1997) considera que as primeiras imigrações Libanesas vieram no tempo certo ao Brasil, por volta de 1870, pois encontraram oportunidades para crescimento e enriquecimento. “Os sírios e libaneses vieram solteiros e quase sempre com a determinação de retornar á terra de origem depois de amealhar durante alguns anos um capital” (TRUZZI, 1991, p.52) suficiente para uma melhora de vida no país de origem. Preferiram então trabalhar por conta própria, sendo seus próprios patrões. Traçavam seus objetivos e davam tudo de si para alcançá-los, não se submetendo, porém, à condição de colono ou operário imigrante. Mais uma vez, pode se notar alguns traços de altivez, iniciativa, determinação, esforço e ambição desse povo. Embora muitos deles fossem ligados à atividade agrícola em seu país de origem, tinham, também, uma relativa familiaridade com o comércio, “pois o território sírio constituía uma rota tradicional, quase obrigatória, de tráfego de mercadorias entre os países ocidentais e orientais” (TRUZZI, 1991, p.53).

A partir do início do século passado, a mascateação se tornou então a atividade principal dos libaneses no Brasil. Essa atividade oferecia diversas vantagens. A primeira delas era o fato de não ser necessário “habilidade ou soma de recursos significativa” (Op. Cit., p. 56) para exercê-la. Em segundo lugar, “não exigia mais que um conhecimento rudimentar da língua portuguesa” (Id. Ibid.) e permitia oportunidade de treinamento e aprendizado no novo idioma. Em terceiro lugar, a relevante oportunidade que garantia “acumular algum capital depois de não muitos anos de trabalho árduo”, o que não era garantia para os colonos e operários da época. (idem, p.55-56).

Em “A Saga Libanesa no Brasil” Khatlab (2002) também descreve a trajetória dos mascates ou caixeiros, no início da imigração sírio e libanesa ao Brasil, final do século XIX.. Eram assim chamados porque “[...] perambulavam por cidades e campos levando uma pequena caixa de madeira repleta de objetos, como carretel de linha, agulhas, renda, botões, brincos, anéis, chapéus, calças, cuecas, cigarros, fósforos, sabonetes, leques, cachaça, purgantes [...]” (KHATLAB, 2002, p.38). Como essa atividade já era exercida por imigrantes de outras etnias houve uma verdadeira guerra de ódio racial e comercial entre eles. Os mascates libaneses foram chamados de “turcos” com uma conotação pejorativa e, sobre eles, foram publicados

nos maiores jornais do país, artigos caluniadores, algo como ‘turco, ateu e comedor de carne humana’. (JAFET, 1947, p.35 *apud* KHATLAB, 2002, p.38).

A estratégia difamadora não deu resultado e os mascates ou caixeiros libaneses deram uma nova face ao comércio ambulante ou a domicílio (nos Estados unidos o famoso *door to door*) e passaram, também, a ser chamados de “turcos da prestação”. (KHATLAB, 2002, p.38 e TRUZZI, 1991, p.29).

A mascateação também propiciava a cooperação dentro da própria colônia. O desenvolvimento e enriquecimento dos primeiros imigrantes os permitiram ajudar os que chegavam posteriormente. O mascate se tornava proprietário de uma loja e posteriormente atacadista e nessa posição, passava a ser fornecedor do imigrante recém chegado, ou seja, o novo mascate. Assim, as emigrações posteriores à leva dos pioneiros de 1870, já saíam do Líbano em direção ao Brasil, com algum contato de familiares, ou vizinhos, ou amigos da mesma região, chamado por Truzzi (1991, p.14) de família ampliada, que o recebiam como anfitriões. Thomson (2002, p.346) observa o mesmo fato em Barbados:

As tradições migratórias familiares, há muito estabelecidas, podem ser forças motivadoras que sugerem modelos particulares de migração de curto prazo e retorno; as famílias ampliadas proporcionam redes de apoio vitais.

É importante salientar que a identidade regional é uma característica marcante e muito forte do povo Libanês que considera como um parente alguém da mesma região. O Líbano está dividido em regiões e a importância dessas regiões se sobrepõe muitas vezes à própria nacionalidade. Quando Libaneses se encontram, geralmente a primeira pergunta que se faz é “Qual é a sua cidade?” Há uma identidade tão forte em cada região, que até pelo nome de família muitas vezes identifica-se a região do libanês (nesse caso o libanês imigrante) e conseqüentemente a força política que representa a sua região.

Perfil mais comum entre esses imigrantes: existe um sentido precário de identidade nacional, compensado por uma forte identidade religiosa e regional. A religião e a aldeia (ou cidade) definem os laços básicos de lealdade entre os aqui chegados. A unidade sustentadora de tais laços é a família ampliada. (TRUZZI, 1997, p.14).

“O Árabe tem um espírito localista, ele não tem somente orgulho de ser Libanês, mas especificamente da cidade tal”. (HOUAISS *apud* KHATLAB, 2002, p.59).

Capítulo 2- A QUESTÃO DA HOSPITALIDADE E A IMIGRAÇÃO

“Hospitalidade é o primeiro passo para a alteridade, primeiro grau de compromisso, uma despesa que permite dilatar ou se contrair, multiplicar as relações no seu interior ou circular na direção de outros grupos” (Anne Gotman, 2001)

A hospitalidade tem raízes profundas na história da humanidade e está associada tanto a aspectos sociais quanto religiosos – um dever sagrado. Ao longo da trajetória humana ela apresenta as mais diferentes formas de manifestação e os seus `ritos` obedecem a diferentes códigos de conduta.

Segundo Bueno (2003, p.3) “entre as várias tentativas de defini-la, o ponto comum seria a abertura para o acolhimento”. E acolhimento, nesse sentido, se articula com a idéia de vínculo social e interações sociais.

Nesse trabalho, o conceito de hospitalidade se apóia, se funde no conceito maussiano da dádiva, ou seja, a hospitalidade vista enquanto `dom do espaço`, no qual o aspecto priorizado nessa relação social é o acolhimento enquanto criador de vínculos sociais.

O ensaio sobre a dádiva de Marcel Mauss tem como ponto central a noção de alianças que se formam a partir do tríplice dever – dar, receber e retribuir – e representa o fundamento da sociabilidade nas sociedades arcaicas.

Em 1981, um grupo de intelectuais, a maior parte deles franceses, inspirados no célebre sociólogo francês Marcel Mauss iniciou um projeto que foi denominado pela sigla M.A.U.S.S (Movimento anti utilitarista em ciências sociais) que tinha como preocupação central questionar a predominância da filosofia econômica e refletir sobre o alcance da teoria maussiana da dádiva para as sociedades modernas.

Esse grupo, e seus seguidores, têm demonstrado que a dádiva, juntamente com a questão da hospitalidade, é igualmente moderna e contemporânea, enquanto

matriz dos vínculos sociais e base da sociabilidade. A dádiva é apontada por Alain Caillé (um dos fundadores do grupo) como um novo paradigma em ciências sociais.

Evidentemente nem toda dádiva é hospitalidade mas toda hospitalidade pressupõe a dádiva, portanto, ao ser focalizada sob essa ótica, tem as mesmas funções da dádiva, ou seja, promover o relacionamento social consolidando estruturas de relações sociais. No dizer de Tom Selwyn¹⁹ (2004, p.26): “a hospitalidade transforma estranhos em conhecidos, inimigos em amigos, amigos em melhores amigos, forasteiros em pessoas íntimas, não parentes em parentes”. Vale dizer que, pela hospitalidade, há uma ampliação da rede de sociabilidade ao criar novos vínculos e a manutenção e fortalecimento dos laços existentes.

No entanto, os estudos contemporâneos sobre hospitalidade não são feitos apenas com essa abordagem. Luiz Octávio de Lima Camargo (2003)¹⁸ aponta para três vertentes na atual pesquisa sobre hospitalidade. A francesa que se apóia na matriz maussiana de dar, receber e retribuir e ignora a hospitalidade comercial. A americana, no sentido inverso, ignora a antiga hospitalidade e trata apenas na sua atual versão comercial baseada no contrato. Numa posição mediadora, a terceira vertente, representada por um conjunto de autores ingleses reunidos na publicação de Lashley & Morrison e, também, pelo programa de mestrado da Universidade Anhembi-Morumbi, tentam abordar diferentes temas, entre eles, turismo e hotelaria, sob a perspectiva da teoria da dádiva.

Essas correntes tentam integrar as temáticas do turismo e hotelaria, bem como outros aspectos sociais, inclusive a questão da imigração dentro da matriz maussiana. A hipótese subjacente é que todos esses aspectos nutrem-se da mesma raiz – a questão do acolhimento. Em função disso, Luiz Octávio Lima Camargo (2003, p.19) propõe uma nova noção de hospitalidade:

“Hospitalidade pode ser definida como ato humano exercido em contexto doméstico, público e profissional, de recepcionar, hospedar, alimentar e entreter pessoas temporariamente deslocadas de seu habitat natural²⁰”.

Para se apontar as práticas sociais que se enquadram no processo de hospitalidade, Camargo (2003) cria dois eixos: O primeiro fala dos tempos sociais da

¹⁹ Cap. 2 - Uma antropologia da hospitalidade in LASHLEY;MORRISON (2004).

²⁰ Os domínios da Hospitalidade in DENCKER; BUENO (2003),

hospitalidade, ou seja, receber, acolher, etc. O segundo se refere aos espaços sociais nos quais se viveria a hospitalidade: o doméstico, o público, o urbano, etc.

Outro estudioso do assunto, o filósofo francês Jacques Derrida (Duformantelle, 2003), traz à discussão a questão da hospitalidade incondicional, que se dá a um completo estranho, não permitindo preconceitos, racismo, que bloqueiam o ato da hospitalidade. Acredita-se que o mundo precise dessa hospitalidade, no entanto, na sociedade moderna ela é utópica, porque o medo da invasão, do choque das culturas, os limites do público e do privado, do direito e do dever, impedem que essa hospitalidade se configure. Essa hospitalidade incondicional pode ser um caminho de apaziguamento de conflitos ocorrentes nos processos de migração de países pobres para países ricos, de refugiados políticos a nações livres. Há exemplos palpáveis desses conflitos, como o caso das migrações de povos provenientes de nações pobres da América Latina e do Caribe para os Estados Unidos, e também dos povos oriundos do Marrocos, Argélia e Tunísia para a Europa, do Senegal e do Zaire para a França e para a Bélgica; da Turquia para a Alemanha e outras mais (HALL, 2005). O próprio Derrida questiona a questão da Palestina, em relação a inospitalidade oferecida a esse povo ao longo de sua história, pois esse povo não possui a sua própria terra no sentido do espaço geográfico, e estão sempre migrando. Questiona-se: Em algum momento dessas migrações a hospitalidade foi incondicional? Acredita-se que não, pelo contrário, a hospitalidade passeia por momentos de acolhimento ao estrangeiro e por hostilidade ao mesmo, ambos, anfitrião e estranho, são os responsáveis pelas conseqüências de seus atos de hospitalidade *versus* hostilidade. Muitas vezes o estrangeiro não obedece ao código de leis e rituais que regem a sociedade que o recebeu, preferindo manter seus hábitos, mantendo “intacta” a sua cultura, não partilhando e não assimilando a cultura receptora.

Do diálogo que ele travou com seu mestre, Emmanuel Levinas, em torno do conceito de hospitalidade [...], Derrida vai desenvolver a noção do que seja hospitalidade, chamando-a de “hospitalidade incondicional. [...] A noção de hospitalidade incondicional cria um espaço de compaixão, no sentido de ser possível haver uma paixão convivencial, uma paixão pelo outro, num jogo que tem conflitos, mas que, pouco a pouco, eles possam ser transformados em uma experiência de abertura. (CAMARGO in DIAS, 2002, p. 7).

Considerando que cada indivíduo é único, da mesma forma que cada cultura tem peculiaridades que lhe são próprias, é preciso pensar nas condições em que essas diferenças se relacionam. Assim a hospitalidade, no sentido maussiano, resolveria o aspecto tensional entre as diferenças elaborando relacionamentos codificados estabelecendo pontes que constroem os laços sociais.

Considera-se, portanto, que essa é a abordagem adequada para focalizar a crise relacional que é vivida intensamente por todas as famílias de imigrantes em função de uma ruptura profunda e dolorosa com a cultura de origem e a imersão em condições culturais completamente diferentes.

2.1 Acolhimento e inserção do imigrante libanês em São Paulo

O acolhimento e inserção do imigrante libanês em São Paulo, do período de (1973-1992), contou, também, com a atuação de uma rede social que apresentou semelhanças às estabelecidas em imigrações de períodos anteriores e que foram estudadas por alguns autores, entre eles Truzzi (1991, 1997), Knwolton (1960), e Gattaz (2005). Destaca-se a relevância do acolhimento recebido pelos familiares dos imigrantes estabelecidas anteriormente no país. Dentre o grupo estudado, a maior parte com certeza, foi recebida por parentes, geralmente bem próximos. Vale destacar que um deles foi recepcionado por um partido político denominado *Kawmis*²¹, ao qual a afiliação lhe rendeu um acolhimento e um apoio especiais no Brasil.

Como era do partido “*Kawmis*”, fui recebido no aeroporto em Foz, conforme haviam me dito quando sai do Líbano. Uma pessoa entrou no avião, e disse: Você é o “Manar”? nem bem concordei, ele disse então: “pegue as suas coisas e vem atrás de mim”. Percebia-se que era uma pessoa influente e tinha bastante conhecimento na Polícia Federal em Foz, onde recebi um tratamento de primeira, hotel muito bom, jantar caprichado, tudo por conta do partido (relato do depoente Manar).

²¹ *Kawmis* é o nome popular do partido ‘Socialista nacional Sírio’, que era considerado uma das facções ultra direita no Líbano, fundado por Antonio Saade e sustenta a formação da Grande Síria, que englobaria Síria, Líbano, Jordânia e Iraque, se opondo ao arabismo. O partido funcionava como secreto e agregava elementos de diferentes religiões.

Essa rede social é representada predominantemente pelos familiares, pelos conterrâneos das mesmas comunidades regionais, das mesmas instituições religiosas e das mesmas instituições políticas. Essa rede social, denominada “família ampliada” por Knowlton (1960) e por Truzzi (1991), tem sido considerada como o agente que pode proporcionar um acolhimento que facilita ou que dificulta a inserção do imigrante na nova cultura.

Vale relatar que um dos entrevistados, Tony, conta que foi enganado “pela família que o acolheu tão bem”, e que só posteriormente percebeu que recebeu ajuda por interesse e para se aproveitar de sua ingenuidade e da sua condição de refém de seu anfitrião. Fatos semelhantes foram apontados por outras famílias, inclusive a da própria pesquisadora.

Numa outra situação, a informante Behar, conta que quando chegou a São Paulo, foi residir no Brás, por causa dos negócios. Ela se sentiu completamente fora de seu meio. Não se identificou com a comunidade libanesa no Brás, nem com o bairro. Acredita que talvez tenha sido devido a sua idade, ou seu nível sócio cultural, ou sua mentalidade. Disse que só chorava e se sentia muito mal. Não adiantava ter sido recebida pela família do marido aqui já instalada. Teve uma educação privilegiada no Líbano, assim como o seu marido. Ambos vindos da universidade americana, que propiciava uma educação ocidentalizada, moderna, competitiva e elitista. Ela se sentiu alienada dentro da própria comunidade, porque conhecia um Líbano diferente do existente na comunidade do Brás, talvez também porque muitos dos que lá se instalaram, vieram de aldeias no Líbano que, em sua maioria, apresentam condições econômicas, sociais e culturais distintas da capital Beirute, considerada uma cidade cosmopolita. Maya, depoente, também aponta que há diferenças entre Beirute e as demais cidades libanesas, principalmente as aldeias.

No entanto, na maioria dos casos, as possíveis diferenças que havia entre esses imigrantes em seu país de origem foram diluídas por compartilharem a mesma situação migratória, com isso, é maior a chance de se conhecerem e de se relacionarem no Brasil do que no Líbano. Como disse uma das depoentes quando apresentada a uma outra senhora libanesa: “talvez eu não a conheceria no Líbano, porque lá gravitamos em outras esferas”. No país de origem elas pertencem a mundos diferentes tanto quanto a religião, a educação e a região. O fato de estar

fora do país cria um ambiente mais favorável para acolhimento entre os seus compatriotas do que no próprio país de origem.

A mascateação, abordada no capítulo da imigração e considerada o maior marco da identidade étnica dos libaneses, apesar de suas diferenças regionais, religiosas, políticas e sócio-econômicas (KNOWLTON, 1960; TRUZZI, 1991, 1997), representa um outro importante pólo acolhedor que formou uma sólida rede social que oferecia oportunidades ao recém chegado. A mascateação propiciou essa forma de acolhimento, que facilitou a sobrevivência do imigrante recém chegado, o “forasteiro”, não estabelecido, como é chamado por Michel de Certeau (apud GOMES, 2002, p.8). Era, na verdade, um *start* para uma atividade que, com bastante trabalho e vontade, daria bons frutos e poderia até produzir um enriquecimento em curto prazo, principalmente nas primeiras imigrações do final do século XIX. Camilo, um dos entrevistados, chegou a mascatear por 14 anos, de 1985 a 1999, mesmo já tendo aberta a sua loja na 25 de março, permaneceu na atividade por alguns anos ainda, ou seja, atuou nos dois negócios simultaneamente. A mascateação lhe proporcionou a oportunidade de fidelizar clientes, criar vínculos com eles e ao mesmo tempo levantar recursos para investir na loja. Quando mascateava, avaliou o interior dos estados de São Paulo e Minas Gerais bem hospitaleiros, os clientes o recebiam bem. Falou com orgulho: “Depois de um tempo me consideravam de casa”. Sua loja na 25 de março tem lhe proporcionado, bons resultados.

A rede se estendeu sucessivamente a cada novo imigrante que chegava e que tinha alguma relação com o imigrante já estabelecido e, assim, lhe era permitido que iniciasse a sua trajetória: primeiro de mascate, depois de dono de loja (armarinhos), em seguida de atacadista e finalmente de industrial têxtil/confecção, caminho percorrido por muitos e muitos anos, se estabelecendo, finalmente, nas cidades.

Os primeiros imigrantes de São Paulo, quando se estabeleceram na cidade, tiveram a preferência pela Rua 25 de Março como região principal de suas atividades comerciais. Já nas imigrações recentes, como na maioria do grupo estudado, a preferência é dada à região do Brás.

Talvez a principal razão para o desenvolvimento de uma colônia síria e libanesa na rua 25 de Março estivesse no fato de lá se terem estabelecido os primeiros sírios e libaneses que vieram. Seus parentes, amigos e conterrâneos, ao

chegar instalaram-se perto deles. Outros imigrantes sem relações também foram para lá, porque encontravam patrícios que lhes davam a mão nos primeiros tempos, ajudando-os a ajustar-se à nova vida. À medida que chegavam navios em Santos, transportando imigrantes, os sírios e libaneses de São Paulo iam receber os seus amigos e compatriotas. Ele os levavam para a rua 25 de Março em São Paulo, e lá, lhes ensinavam os termos portugueses indispensáveis e truques do comércio do mascate. Forneciam-lhes mercadorias a crédito e depois os mandavam para o interior ou para os subúrbios da cidade para mascatear. Gradualmente, desenvolveu-se uma colônia considerável em torno do mercado. (KNWOLTON, 1960, p.114).

A expansão da região central do comércio libanês chegou à região do Brás, Belenzinho, e outras mais. (KNOWLTON, 1960). Atualmente, a região do Brás é a mais relevante no acolhimento dos recém chegados. Na pesquisa de campo, percebe-se nos depoentes uma incidência de comerciantes do Brás e fabricantes de jeans, considerando-se assim um “marco” importante na imigração proveniente durante a guerra civil no Líbano e no pós-guerra.

Os libaneses estabeleceram o seu comércio no Brás, como forma de sobrevivência, pois vindos de uma guerra acreditavam não ter outra opção, mas jamais deixaram de aspirar o sucesso econômico dos primeiros imigrantes na 25 de março. Muitos deles dizem que tiveram altos e baixos, que os tempos são outros, mas jamais desanimam. Manar, é um deles, que com seus irmãos, fabrica jeans em larga escala e fornece também para uma marca conhecida. Outros estão estabelecendo as suas marcas de jeans, mas não desistem de fazer crescer o seu negócio, a sua pequena indústria, chegando a não investir em casa própria, para poder investir na empresa. A região agrega fábricas de jeans e confecções de libaneses, mesquitas, igrejas, empórios e restaurantes, proporcionando oportunidades de “socialização aos estrangeiros e imigrantes recém chegados” Gomes (2002, p.8).

O comércio do Brás, em geral, é muito famoso na comunidade libanesa, pois mesmo os que habitam em bairros distantes, não deixam de visitar o bairro para fazer compras nos empórios libaneses, principalmente o *Maxifour*, que se intitula “a

maior distribuidora de produtos árabes no Brasil”²², assim como os estabelecimentos de vestuário em geral, com destaque aos *jeans*.

Acrescenta-se a importância dos restaurantes libaneses típicos e das *banqueteiras* libanesas, com destaque aos doces de Hanned, em especial o “*knef*” (doce de nata bem típico libanês), considerado incomparável por alguns membros do grupo de pesquisa.

Nas regiões do Brás e da Rua 25 de março e adjacências, ouve-se árabe em vários locais. São jovens recém chegados que ainda não falam bem o português, e, também, senhores que vieram do Líbano há muitos anos, mas que quando se encontram, contam piadas em árabe e fazem do seu almoço, por exemplo no restaurante *Abou-Zuz* no Brás, momentos de preservação da identidade e de seus costumes, tendo a comensalidade e a língua nativa como “pano de fundo”.

Destaca-se que é freqüente notar que os libaneses aqui já estabelecidos e que falam o português, preferem ainda manter o hábito da língua árabe quando estão entre eles, mesmo que seja em locais públicos.

O estudo de Gomes (2002) “Comércio étnico em Belleville” retrata aspectos semelhantes ao “comércio étnico nas regiões da rua 25 de março e do bairro do Brás”.

Em seu artigo, Gomes (2002) aponta três características do comércio étnico. O primeiro como ‘lugar de memória’ (Halbwachs, 1950; Benjamin, 1982); o segundo como “lugar urbano de acolhimento e de hospitalidade” (Gotman, 2001) e finalmente como terceiro lugares de construção de ‘conveniência’ (De Certeau, 1997; Raulin, 2000).”. Na Rua 25 de Março e no Brás, é bem claro, “o acolhimento aos forasteiros e de sucessivas diásporas” (GOMES, 2002, p.3), a oportunidade de desenvolvimento social e econômico de imigrantes, a valorização da cultura, a preservação da história de um povo, um “marco”, um “lugar de memória” (GOMES, 2002, p.4). Assim como Belleville “entrou definitivamente no circuito da moda”, é importante lembrar o sucesso do comércio na rua 25 de Março que, também se destaca nesse setor sendo, atualmente, o maior recorde de público em várias datas festivas, especialmente no Natal quando o local fica intransitável e sinônimo de bons negócios. Vale lembrar que a 25 de março incorporou outras etnias, mas, ainda

²² Disponível em: <http://www.maxifour.com.br> Acesso em 03 set. 06

Disponível em: <http://www.anba.com.br/noticia.php?id=4148> **Maxifour abastece mesas brasileiras com ingredientes requintados na culinária brasileira** – Acesso em 03 set. 06

assim, permanece um número expressivo de membros das comunidades síria e libanesa. O Brás também está na moda, porque atualmente além da produção para as suas próprias marcas, as fábricas de jeans do Brás, em particular, fabricam produtos para famosas lojas e marcas *fashion* do mercado.

Outra semelhança com a situação de Belleville, diz respeito ao fato desses locais estarem proporcionarem trabalho e acolhimento aos recém chegados, como mesmo diz Gomes (2002): “é importante frisar que o acolhimento obtido através do comércio pode vir a se constituir num facilitador para a inserção e estabelecimento dos recém chegados.” Foi o caso de muitos dos jovens imigrantes que vieram durante a guerra civil e por não terem concluído seus estudos no Líbano, ficaram com as suas oportunidades reduzidas, produzindo neles um sentimento de baixa auto-estima ou de mágoa com a guerra, pois como se sabe a educação é fator primordial na vida do libanês.

A obra de Rose Koraicho já citada, se propõe a contar a história da rua 25 de Março, como uma memória da rua dos árabes e prestar “uma homenagem a todos que ‘construíram’ a 25 de Março, a toda a comunidade árabe que fez da rua 25 de Março um marco na história do Brasil” (2004, p.5). Ela também não deixa de incluir o seu pai, Sr. Fuad Koraicho, um dos grandes comerciantes da rua 25 de Março, a quem presta uma honra especial.

O imigrante, muitas vezes, sente-se inseguro no novo território, com preocupações de ser expulso a qualquer momento (Sayad, 1989). A cidadania dá direitos e cobra deveres, no entanto, proporciona uma sensação de segurança maior e de posicionamento frente a qualquer preconceito que se apresente, além da facilidade de ir e vir. Ali, um dos entrevistados, apresenta sotaque ao falar português, assim como a maioria dos depoentes da pesquisa. Ele relatou uma situação em que foi discriminado como estrangeiro e ele já se considerava brasileiro. Ali se naturalizou há quase três anos atrás, porque ama o Brasil e o considera seu segundo país e ainda acrescenta que a questão de ser brasileiro por opção e não por nascimento apenas, valoriza ainda mais o ato da naturalização.

Uma vez estava discutindo com um rapaz desconhecido, um direito meu. Então, o rapaz disse que eu era estrangeiro, que não podia reclamar ou qualquer coisa assim e eu rapidamente respondi: “Não, posso reclamar sim, tenho direitos e deveres, sou cidadão brasileiro, também sou daqui, talvez mais do que você. Porque optei por essa terra, por ser cidadão brasileiro. Na mesma situação, se você fosse ao Líbano, morar lá e se naturalizasse, você seria mais cidadão

libanês do que eu, porque estaria fazendo essa opção²³.

Os casamentos fora da “colônia” têm aumentado cada vez mais, principalmente por parte do homem libanês. No início da imigração, a desproporção entre os imigrantes sírios e libaneses de sexo masculino para os de sexo feminino, era bem grande e “bastante pronunciada em relação as outras etnias”(TRUZZI, 1991, p.31). Outro fato narrado por Truzzi (op.cit.) é o de um estudo efetuado sobre os casamentos entre 1940-1946, que demonstra a diferença expressiva de acordo com o “gênero do cônjuge”. “No período casaram-se 652 noivos e 276 noivas sírias. Entre os primeiros, 27% casaram-se com sírias, 65% com brasileiras e 8% com outras estrangeiras”. Já entre as noivas, a tendência se inverte: 63% casaram-se com sírios, 19% com brasileiros e 18% com outros estrangeiros.” Truzzi (1991, p.31) ainda salienta que o volume de sírios e libaneses casando-se com brasileiras está acima da média encontrada em outras etnias e que a de sírias e libanesas casando com brasileiros está bem abaixo da média entre outros povos étnicos. As imigrantes libanesas primeiramente vieram como acompanhantes do marido e depois passaram a vir como solteiras ao Brasil, optaram por se casar dentro da comunidade, com imigrantes libaneses ou descendentes de libaneses, acreditando ser mais fácil a adaptação.

É certo que a “grande naturalização” não abrangeu as levas de imigrantes que chegaram ao Brasil após 15-11-1889. Mas outro dispositivo da Constituição outorgou a cidadania brasileira aos estrangeiros possuidores de bens imóveis no Brasil e que fossem casados com brasileiros, ou tivessem brasileiros, contanto que residissem no país (artigo 69, parágrafo 5). (FAUSTO... ET AL, 1995, p.13)

Na dissertação de Samira Osman (1998), encontram-se relatos de imigrantes que dizem ainda preferir o casamento de seus filhos dentro da comunidade libanesa e dentro da religião, principalmente quando se trata da religião muçulmana. Para a geração mais velha, o casamento dentro da comunidade é preferível para a preservação da identidade étnica e religiosa no casamento. No entanto, houve liberdade e aceitação dos casamentos inter raciais e inter religiosos nas novas gerações.

Registra-se o fato de uma sobrinha de uma das entrevistadas, que atualmente está separada do primeiro marido libanês muçulmano diz preferir se casar

²³ Depoimento de Ali , realizou todos os depoimentos via sistema *on line skype*.

novamente com um libanês muçulmano.

Infelizmente com a guerra civil, a cisão entre os libaneses de religiões diversas se aprofundou e as diferenças, muitas vezes, foram reproduzidas no novo território, como já citado anteriormente. Em sua obra, Wadih Safady (1966, p.230) diz:: “A religião em nossos países de origem, além de sua função espiritual, é a base de todas as nossas atividades políticas”. Como já relatado pela autora anteriormente, o sistema político do Líbano é confessional e privilegiou os cristãos em seu pacto nacional de 1943. Com a guerra civil e a busca de solução do problema da guerra, foi inserido na constituição do Líbano em agosto de 1990, o seguinte documento:

A Carta Nacional de Reconciliação, mais conhecida como Acordo de Taif (1989), que dividiu o número de deputados no parlamento de maneira igual entre cristãos e muçulmanos, terminando o antigo favorecimento aos cristãos, que antes deste acordo tinham direito a 60% dos lugares²⁴.

A questão política do Líbano é complexa e não é o objetivo desse trabalho, mas vale lembrar que, por ocasião da guerra civil libanesa, os atritos e diferenças entre as religiões cristã e muçulmana eram acentuados, mas com a vinda ao Brasil e pelo novo estilo de vida, foi possível uma convivência mais satisfatória, convivência essa que foi melhorando gradativamente e hoje essas diferenças são pouco significativas., talvez justificado pelo próprio motivo da imigração, ou seja, fugir da guerra e dos conflitos. Nas palavras de Safady (1966, p.199) “Com essa mistura de nomes e variedade de povos, originados de numerosos países e com este xadrez de religiões, chegamos ao Brasil em busca de paz e liberdade”. Hajjar (1985, p.33) diz também, que o imigrante tenta, na terra da imigração, se distanciar das diferenças religiosas e sectárias, e tenta gradualmente formar um grupo, superando muitas vezes as diferenças. Aqui irão se encontrar como “*ibin arab*” (*filho de árabes*).

No período da recente guerra no Líbano (12 de julho a 14 de agosto de 2006), houve, num primeiro momento, situações em que alguns imigrantes se identificaram com os conflitos da guerra, reproduzindo as divisões políticas geradas no Líbano e causando certa uma polêmica, no entanto, isso foi superado e iniciou-se um movimento de restabelecimento e fortalecimento da união do grupo enquanto

²⁴Disponível em <http://pt.wikipedia.org/wiki/Pol%C3%Adtica_do_L%C3%ADbano Acesso em 20 Nov.2006

libaneses expatriados. Pelo depoimento dos entrevistados, essa união decorre da influência do estilo de vida encontrado no Brasil. Segundo eles, os libaneses incorporaram a tolerância que predomina nas relações inter-religiosas e inter-raciais, no Brasil.

Registra-se um fato surpreendente fornecido por Suad, muçulmana sunita. Ela relatou que houve uma missa para se receber o novo Bispo Maronita: “Foi tão bonito, cristãos e muçulmanos rezando juntos, lado a lado, na mesma igreja. É um fato inédito!”

Mesmo fora dos períodos de guerra e conflitos, é uma característica dos libaneses se dividirem em grupos, pois muitos querem ser líderes e comandantes, rivalizando com suas características pessoais comprometendo a união do grupo. Isso os tem levado a uma acentuada competição que os motivou a abrir inúmeras associações, jornais, clubes, entidades filantrópicas, e outras instituições mais, como já citado no capítulo da imigração (KNOWLTON, 1960).

“A colônia sírio-libanesa em geral está de tal forma dividida por diferenças religiosas e econômicas, rivalidades de família e de região e ciúmes pessoais, que não foi possível organizar uma sociedade que representasse a colônia toda” (KNOWLTON, 1960, p.139).

A religião foi um dos elementos de acolhimento, no entanto, aqueles imigrantes que não tinham amigos ou família e foram acolhidos em comunidades religiosas com tendências segregacionistas, tiveram maior dificuldade de integração.

O uso do véu (*hijab*) por parte das mulheres, propicia uma reafirmação da identidade, mas, ao mesmo tempo, pode gerar uma separação.

[...] com o intuito de preencher o vazio do afastamento da terra de origem, cada agrupamento, foi fundando a sua entidade como forma de aglomerar-se, organizar-se, reunir-se, tentando recuperar na terra da imigração um pouco do que perdeu com o abandono da terra natal”. (HAJJAR, 1985, p.109).

Leyla acredita que a utilização do véu pelas mulheres muçulmanas, assim como o *kipá* dos homens judeus, acaba por estereotipar os indivíduos e a religião. Acredita que o importante é ter fé em Deus, seguir o Al Corão, mas se preocupar mais com a formação do caráter que agrada a Deus do que nos aspectos culturais que rotulam os indivíduos. Ela diz:

“Estamos no Brasil, terra da liberdade, para que querer se identificar como muçulmano ou qualquer outra coisa, vamos ser brasileiros e libaneses, porque não esquecemos da nossa terra de origem e das nossas responsabilidades como cidadão lá e aqui”.

A família de Leyla é considerada moderada na religião e por isso, muitas vezes criticada. Ela se diverte quando é chamada de moderna, considera um elogio. Talvez essa postura seja tenha sido influenciada por seu pai, que mesmo residindo no Líbano, não aprova o uso do véu.

Como já mencionado no capítulo da imigração, uma das formas em que os imigrantes libaneses ascenderam socialmente, foi tanto pelo poderio econômico quanto pela formação educacional de seus filhos nas escolas de elite, relatado com detalhes na obra “De mascates a doutores” de Oswaldo Truzzi, 1991. A preocupação educacional e profissional, ou seja, o futuro de seus filhos, é prioridade dos libaneses, que chegam a vender as suas casas para oferecer a melhor educação formal possível, pois sabem que esse isso é um capital social que proporciona grandes chances ao seu futuro, bem como oferece possibilidade de uma ascensão, valorizada pela etnia.

A perseverança dos imigrantes libaneses em expandir seus negócios no comércio e na indústria propiciou a oportunidade a seus descendentes de se formarem em advogados, médicos e engenheiros, que também ascenderam na área sócio-econômica de forma significativa:

Os levantamentos parciais e outras indicações coletadas junto ao Mackenzie e à escola de Comércio Álvares Penteado (pesquisa realizada junto as Faculdades de Direito, de Medicina e Escola Politécnica entre 1880 e 1950), não deixam dúvidas quanto ao notável avanço da etnia na conquista de posições neste mercado. (TRUZZI, 1991, p.82).

Apesar da proporção entre o volume da imigração de sírios e libaneses ser bem menor frente a outras etnias como a italiana, portuguesa e espanhola, a representação e formação de profissionais liberais nessas escolas se equiparam. O grande número de bem sucedidos profissionais liberais de origem sírio e libanesa proporciona também a entrada dessa imigração no grupo de elite, haja vista que até hoje, percebe-se a participação expressiva de profissionais renomados reconhecidos etnicamente através de seus sobrenomes. Truzzi (1991) traz uma relação dos médicos bem sucedidos e parentes diretos na mesma profissão e muitas vezes na mesma área da medicina. O Hospital Sírio Libanês é também um “marco” na história da imigração sírio e libanesa.

A política veio a ser uma outra forma de inserção e ascensão social em São Paulo e na sociedade brasileira. FAUSTO...et al (1995,, p.10) aborda o papel da

política na inserção dos imigrantes na sociedade do novo território. Pressupondo que talvez a maior incidência na motivação para a imigração tenha sido a questão econômica e que havia naquela época muitas oportunidades para os imigrantes serem bem sucedidos, ele questiona a razão da busca pela trajetória política. Fausto então pergunta:

Por que investir no campo político, com todas as suas incertezas e resistências, se existia uma área de atividades econômicas cheia de possibilidades? A resposta óbvia é que política e realidade sócio-econômica não estão desvinculadas. Em um país onde a cidadania é, na prática, direito de poucos, surge a necessidade de contar com a proteção dos políticos e, se possível, penetrar no mundo da política, afim de alcançar vários objetivos: alguns, modestos, como a nomeação para um cargo público de pouca expressão; outros, mais altos como a legalização da posse de terras, a obtenção de transportes, energia e valorização da propriedade, até a ambicionada contratação de serviços com o Estado. Nesse percurso, a política se tornou, para alguns, um fim em si, cristalizando-se então a figura do político profissional. (FAUSTO...et al, 1995, p.10)

Ao final do Estado Novo²⁵, a “redemocratização” abriu oportunidades na política nacional para a descendência de imigrantes, que antes desse período não contavam com esse caminho para elevação social.

Os imigrantes libaneses e sírios pertencentes aos períodos de imigração próximos à independência de seus países, respectivamente 1943 e 1946, não estavam tão ligados à política local, encontravam-se muito preocupados com os acontecimentos em sua terra de origem.

A partir do fim do Estado Novo, a política passa a acenar como um novo elemento de ascensão social para os imigrantes sírios e libaneses e seus descendentes, que antes atuavam na nova terra como “mascates”. Apesar da política, passar a dar oportunidade também aos imigrantes naturalizados²⁶, é a sua descendência, “formada em escolas de prestígio”, que concorre a cargos políticos. (FAUSTO...et al, 1995, p.30).

Assim participar da política, valoriza a questão da imigração, porque o voto é muito importante para o crescimento do grupo, no cenário político: local, regional e nacional. ‘Um antigo deputado diz que é melhor votar em patrício do que votar num

²⁵ Estado Novo foi um período autoritário da história do Brasil, que perdurou de 1937 a 1945. Foi instaurado por um golpe de estado que garantiu a continuidade de Getúlio Vargas à frente do governo central. Disponível em www.cpdoc.fgv.br/nav_historia/htm. Acesso em 15 dez 2006.

²⁶ FAUSTO...et al (1995, p.12) “Observemos também que a única restrição constitucional aos naturalizados, no que diz respeito ao exercício dos cargos públicos federais, referia-se aos cargos de presidente e vice-presidente da República”.

desconhecido', porque assim propicia um acesso do grupo ao poder. Esse pensamento contribuiu e muito para o estabelecimento da "primeira base de arregimentação eleitoral" (op.cit. p.30 e 31), que pode ser considerada significativa na maior parte das vitoriosas trajetórias políticas dos membros da colônia (sírio) e libanesa. No entanto, ações de alguns desses membros podem ter denegrido a imagem da mesma.

Na primeira eleição em seguida à ditadura de Vargas convocada para escolher os deputados à constituinte de 1946, "um só político de ascendência sírio-libanesa foi eleito por São Paulo. O início de sua carreira política prenunciava um padrão de recrutamento de políticos da colônia que somente se mostraria vigoroso muitos anos mais tarde. A estréia, no entanto, seria pouco exemplar. O ingresso na atividade política desse pioneiro, que anos mais tarde seria apontado como um dos maiores estelionatários de seu tempo, já havia se iniciado há mais de dez anos, ainda no início dos anos trinta. (FAUSTO...et al. (1995, p.31).

O autor descreve a trajetória desse deputado até a sua morte em 1988, e informa que tanto o pioneiro político, assim como os outros membros da colônia sírio e libanesa, Eleitos em 1947, no período pós-45, apontavam uma característica coincidente: "diplomados por escolas de elite". Percebe-se também, uma maior incidência de alunos formados na Faculdade de Direito, em especial na "prestigiosa faculdade do largo São Francisco". (TRUZZI in FAUSTO...et al, 1995, p.33 e 34).

Proporcionalmente aos outros grupos étnicos, os imigrantes sírios e libaneses, têm uma presença expressiva na política brasileira. No entanto, o autor afirma que nem os votos significativos da colônia, nem o título de bacharel, eram suficientes para serem eleitos. Os candidatos eleitos, além dos títulos e do voto étnico, "detinham postos eleitoralmente rentáveis, como radialista, militante religioso, advogado trabalhista ou de outra espécie".

Truzzi (op.cit. p. 47) considera que a expressividade política dessa colônia "desproporcional ao seu contingente numérico" se deve a dois fatores: "o padrão geográfico de dispersão da colônia, originalmente tributário da atividade de mascates e o investimento educacional na segunda geração." .

No entanto, o voto étnico não garantia de eleição e a razão para a sua insuficiência se deve ao fato do elevado número de candidatos e a conseqüente divisão de votos entre eles, não totalizando o quorum necessário para ser eleito. Percebeu-se nessa última eleição para deputado estadual e federal (outubro de 2006), que era maciço o apoio a candidatos da comunidade libanesa, mas havia

muitos candidatos, principalmente a deputado estadual, dividindo, assim, os votos da colônia. A unanimidade de votos dos depoentes era para o Sr. Guilherme Afif Domingos, para o cargo de senador.

Não se pode deixar de mencionar o Sr. Paulo Maluf, que tanto controvérsias trouxe, e que provocou um movimento forte intitulado “malufismo”, uma fidelidade a pessoa do Maluf, por anos e anos, eleição a eleição, independente de seus altos e baixos, tem um público eleitor fiel, que resultou no maior número de votos para deputado federal nessa mesma eleição citada no parágrafo anterior.

“O malufismo reatualiza os conteúdos e revigora a essência de um estilo de fazer política que herda muito da figura do mascate: ousado, empreendedor, pragmático e mercantil, inapelavelmente entranhado, portanto, das características da ascensão sócio-econômica do grupo étnico que o encarnou” (FAUSTO...et al (1995, p.64).

Chegou-se a ouvir de alguns entrevistados, que a paixão que o libanês tem pela política é semelhante à paixão que os brasileiros têm pelo futebol.

Para os libaneses, a política agrega um valor diferencial de poder que se soma à ascensão social que a política e suas influências podem oferecer.

Ilustra-se com um relato, de uma senhora imigrante, bem idosa, descendente de uma família atuante na política libanesa, procedente do período da década de 50, que comentou sobre os seus descendentes: “É tá bom, todos da família fizeram bonito no Brasil, muito inteligentes, formados em muito boas faculdades, ganharam “*massari*”, mas não tem ninguém na política!”. Posteriormente, o marido de sua neta, primeira geração de sírios, se elegeu prefeito de uma cidade bem importante no cenário econômico estadual. Essa senhora então se diz satisfeita: “Agora sim!!! ‘*brecisa*’ por um tapete vermelho ‘*bra ele*’”, como se dissesse, agora a obra está pronta. No discurso de posse, o prefeito eleito, diz: “[...] como descendente de sírios, eu estou representando a minha raça, meus antepassados, trazendo todos para esse cargo comigo. Quero poder contribuir da melhor forma com a comunidade brasileira, com a comunidade dessa cidade, perpetuando a força da imigração, mostrando que os imigrantes sírios nesse caso, fazem a sua diferença, a raça se mostra!”

CAPÍTULO 3 - A ALIMENTAÇÃO COMO MANIFESTAÇÃO DE HOSPITALIDADE NA CULTURA LIBANESA.

A cultura libanesa apresenta-se mesclada de situações de hospitalidade, nas quais a alimentação tem um papel fundamental. É nesse aspecto particular da hospitalidade doméstica, caracterizada pelo acolher, alimentar e entreter, que se observa de maneira bem evidente os pontos fundamentais da teoria de Mauss – dar, receber e retribuir. Essas três condições se alternam e propiciam a manutenção dessa troca circular. Segundo Godbout (1999) a troca é assimétrica para que a dívida esteja sempre se renovando – quem aceita uma dádiva, um convite, sinaliza a abertura para um relacionamento e quem recebe quer retribuir, e assim sucessivamente.

Nessas ocasiões os rituais de etiqueta devem ser respeitados. É importante, tanto para o anfitrião como para o hóspede, que se obedeça ao código dos rituais estabelecido, pois quando não o fazem, há o risco de romper com a relação de hospitalidade. Pode-se considerar a hospitalidade doméstica então, como o acolhimento, o bem receber, o hospedar e o servir. A hospitalidade, portanto, “não consiste em dar um espaço ao outro, mas em receber o outro no seu espaço”. (GODBOUT, 1999, p.9).

Os cenários de hospitalidade envolvem, como já foi dito, práticas sociais como o receber, o hospedar, o festejar, o alimentar. Essas situações traduzem o acolhimento do outro, nas situações de visita a casa de amigos, familiares e desconhecidos, na receptividade de uma cidade ou ainda de um meio de hospedagem.

Um lema básico da hospitalidade é ter a satisfação em atender as necessidades do outro e essa questão de compartilhar o alimento traz resultados de recompensa emocional. (DIAS, 2002).

O alimentar doméstico ocorre no receber em casa, no acolhimento privado, levando o anfitrião a adequar a rotina da casa para receber as visitas, assim como no asseio e higiene na elaboração da comida. A culinária da casa se esmera em atender as expectativas do olhar, do paladar e do olfato do visitante, a partir das

“matérias-primas e do know-how” disponíveis para modificação. (DENCKER/BUENO, 2003, P.23).

Muitas vezes, a competitividade (competição) existente entre famílias de uma mesma região, leva seus componentes a verdadeiros desafios culinários, resultando em família vencedora aquela que atuar com maior requinte. (DIAS, 2002, p.131)

A alimentação é um fator fundamental da identidade cultural e segundo Edouard Glissant (ISHIGE, 1987), a refeição em família propicia a “transmissão de valores culturais de geração para geração”. Essa afirmação de Glissant sugere que os costumes alimentares estão bem enraizados na cultura de um povo, e que, portanto, eles devem permanecer nos processos de imigração de um povo.

Observou-se que o libanês gosta de exibir seus talentos, mas quando se mostra verdadeiramente hospitaleiro, o faz acima da mesa bela que pode oferecer. Os depoentes, que praticam a hospitalidade no novo território, mostraram-se prazerosos de fazê-lo. Percebeu-se esse fenômeno principalmente nas entrevistas de Ali, Aman, Behar, Fátima, Leyla, Manar, Maya, Nour e Suad, que por si só, já demonstram uma maioria, assim como nas de Renê e Tony, demonstram prazer em receber e servir as pessoas, almejam manter o estilo da hospitalidade de sua terra de origem na sociedade brasileira, que lhes proporcionou essa oportunidade, essa abertura na nova pátria.

Notou-se que aqueles que não conseguem praticar a hospitalidade tradicional, sentem por não poder fazê-lo, como Omar relatou:

“Aqui o tempo corre rápido, muitas responsabilidades, sem tempo para hospitalidade como no Líbano. Lá o expediente de trabalho é curto. Mesmo tendo este costume dentro do coração, não tenho como manter esta tradição e cultura como no Líbano. Gosto de receber, mas preciso trabalhar, não posso parar a vida para receber as pessoas, então acaba sendo uma hospitalidade ruim. Além de tudo aqui a mulher trabalha fora. Acabo virando hóspede dentro da minha própria casa, de tanto que fico na rua, de tanto que trabalho. Além de tudo no Líbano, a despesa e o custo de vida, não eram como aqui. Lá as pessoas têm tempo para tomar café e jogar baralho”.

É importante atentar para o fato de que muitas vezes os costumes, rituais reproduzidos na imigração e mantidos de geração para geração na nova pátria já caíram em desuso no país de origem, são as denominadas ‘tradições congeladas’.

A alimentação constitui-se um fator fundamental na hospitalidade libanesa, pretende-se considerar os momentos que a envolvem como ponto importante nessa dissertação.

A hospitalidade é considerada característica intrínseca ao povo libanês.

“O Povo”

“O atrativo do Líbano não é somente o país em si. Sua população de 4,5 milhões de habitantes acrescenta o seu charme. Os Libaneses são incontestavelmente de uma proverbial hospitalidade. Suas tradições de acolhida e amizade são fortificadas pelo sentido natural de liberdade que transmite espontaneamente aos seus visitantes. (site Câmara de Comércio Brasil – Líbano - acesso em 15/09/04).

No Líbano, as festas típicas atraem os cidadãos das aldeias e seus visitantes para se agruparem em volta das barracas que vendiam “*awamat*”, “*maacarun*” e “*mchabbak*”²⁷.

Outro componente da alimentação que remete à hospitalidade é o “*mezze*”²⁸ que deve sua origem e sua autenticidade a Zahle, que também é famosa pelo “Wadi El Arayech”²⁹, que proporciona bem estar com paisagem maravilhosa a ser contemplada.

Mesa ou Mezza ou Mezze, tem definições variadas tanto por autores da culinária libanesa, como da grega e outros mais. O *mezze* é um evento muito importante na cultura libanesa e manifesta fortemente traços da sua hospitalidade,

Não se sabe ao certo o seu local de origem, acredita-se que tenha surgido na Pérsia, ou na Turquia, posteriormente tenha atravessado os Balcãs, e talvez tenha chegado ao Líbano, através de um dos domínios que esse país tenha sofrido ao longo de sua história.

O *mezze* também é importante na Grécia e o livro *MEZE* de autoria de Diane Kochilas, descreve bem os rituais desse evento na cultura grega. “As palavras *meze*, *mezze*, *maza*, *meza*, significam no meio”, seja no meio do dia”, ou entre as refeições. (KOCHILAS, 2003, p.1).

²⁷ “*Awamat*”, “*maacarun*” e “*mchabbak*” são doces libaneses servidos em festas populares de santos”.

²⁸ *Mezze* (ou *tauli* como pode ser chamada em outras regiões do Líbano) é servida em porções, como se fossem para degustação, com o intuito de satisfazer o visitante, tanto pela diversidade, como pela qualidade. (Samir Moyses, proprietário do Restaurante Folha de Uva em São Paulo, entrevista realizada em 26/09/2005).

²⁹ “Wadi El Arayech” (o vale das videiras)

De acordo com Holmin/Abbas (1997, p.7), um típico *mezze* é composto de "vinte a quarenta pratos", inicialmente os pratos frios e depois os quentes. Esses mesmos autores dizem que seria como um aperitivo antes da refeição principal, outros já não o consideram um aperitivo, mas uma refeição por si só. Todos os autores concordam que ele tem um lugar de honra na alimentação libanesa, não só um ritual para saborear e degustar a comida, mas um importante ato de socialização. Por isso, o *mezze* dificilmente é degustado por uma pessoa sozinha, porque um de seus grandes objetivos é a socialização, seja para "jogar conversa fora", ou até para discutir pontos de vista de uma forma descontraída, sem hora marcada para terminar.

Se o *mezze* ocorrer em local público (restaurantes, cafés), as pessoas até se sentam à mesa de forma a poder olhar as outras pessoas que passam pelo lugar, tudo sem "*stress*", apenas prazer. Caso seja no ambiente doméstico, o ritual proporciona horas de convivência e participação do bom viver entre família, amigos e convidados.

Destaca-se que em geral na esfera doméstica, é bem provável que a variedade de pratos seja menor, mas sempre conta com um bom número de saladas, verduras cruas e cozidas, legumes, *tahines* com grão-de-bico (húmus), berinjelas preparadas de várias formas, coalhada seca (*labnéé*, na consistência de um patê), e também coalhada como *yogurte* natural (*laben*), que geralmente acompanha pratos quentes, e muito mais. A disposição dos pratos não exige uma combinação especial, o importante é que seja provocante (KOCHILAS, 2003), colorido, variado, porque o intuito desse evento não é apenas satisfazer, mas sim provocar, o prazer do entretenimento, do "papo" e também da "degustação". "Revela ainda que apesar de guardar semelhanças com as *tapas* na Espanha ou antepasto na Itália, o *mezze* tem um significado diferente", remete ao prazer de passar um tempo comendo e bebendo sem pressa... "Não é a mesma coisa que um aperitivo que precede a refeição principal. A idéia da comida como pretexto de socialização é única para o mediterrâneo [...], especialmente na Grécia, Turquia, Líbano e outros." (KOCHILAS, 2003, P.1).

A culinária libanesa é considerada bem saudável, composta em sua maior parte de vegetais e é interessante citar que os pratos em sua maior parte são compostos com produtos frescos, do dia (HOLMIN;ABBAS, 1997). Na pesquisa de campo, se observou a constância desse hábito, principalmente nas mulheres

libanesas. Para elas, é uma rotina ir diariamente ao supermercado, ao hortifrutigranjeiro ou ainda à feira livre para se adquirir frutas e verduras. No Líbano, “mesmo nas cidades grandes, ainda se compra frutas e verduras em pequenos produtores do mercado” (HOLMIN;ABBAS, 1997, p.9) e nas cidades pequenas ou aldeias, como são chamadas pelos próprios habitantes ou imigrantes, existe a figura do vendedor ambulante que passa de casa em casa vendendo verduras da estação.

Por haver invernos rigorosos no Líbano, existe o hábito de se estocar alimentos e produzir produtos em conserva. Este hábito da conserva de nabos, pepinos, berinjelas e outras mais, foram reproduzidos na nova pátria, apesar de não necessitar desse procedimento, pois não apresenta invernos rigorosos. Por outro lado, esse costume gera uma praticidade para a hospitalidade doméstica, que permite que se receba hóspede sem convite antecipado, como é o caso de Leyla, Behar e Maya, cujas despensas tem estoque farto como se tivessem famílias muito grandes.

Behar nem precisa mais ir às compras freqüentemente, já que seus fornecedores de confiança, principalmente do Brás, que lhe entregam a mercadoria em casa. Behar é festeira, a família tem uma propriedade perto de São Paulo e promovem churrascos e festas com o maior prazer de receber os amigos. Como o caso de uma festa à fantasia idealizada apenas para confraternização, sem motivo algum específico e, diga-se de passagem, foi uma festa muito alegre, cheia de música e dança, e o mais interessante, acompanhada de churrasco. Maya também tem produtos que podem ser servidos praticamente prontos, assim ela rapidamente, elabora um *mezze*.

O *mezze* pode ser mais simples ou mais elaborado (RODEN, 1972). Nos mais simples são servidos por exemplo, amêndoas, *pistaches*, amendoim, ou seja, “*nuts*” em geral, azeitonas verdes e pretas, pepinos e tomates cortados, queijos, além das pastas de grão-de-bico (*húmus*) e de berinjela (*babaganuch*), e o pão árabe³⁰. São inúmeras as opções de produtos que podem ser adquiridos em empórios árabes e até em supermercados.

³⁰ O pão árabe é um pão redondo de abas finas, sem miolo. No Líbano, “o pão era e ainda é entesourado; nunca é jogado fora. Se ficou verdadeiramente impróprio para o consumo, é beijado antes de estar disposto de” (www.libanononline.com.br, Acesso em 17 set 2006).

“O pão é tão valorizado no mundo árabe que se um pedaço é jogado na rua, alguém vai rapidamente pegá-lo e o abençoa em nome de Deus, então o coloca em um lugar alto ou seguro onde não possam pisá-lo.” (BSISER, 2005, P.4).

O *mezze* mais elaborado envolve carnes, peixes, frangos e algumas saladas mais trabalhosas como o tabule que requisita o corte pequeno e homogêneo de tomates, salsa, cebolinha, o preparo antecipado do trigo (deixar de molho, secar apertando com as mãos), etc.

Os pratos da culinária libanesa são originalmente preparados de forma artesanal, mas nos dias atuais, muitas libanesas abreviam algumas etapas para facilitar a vida. Leyla, Maya e Suad já pedem a carne do *kibe* cru preparada em açougue especializado, principalmente no caso dos muçulmanos. A carne praticamente já vem com a primeira moagem efetuada. Segundo elas, atualmente essa facilidade é adotada por muitos membros da comunidade libanesa em São Paulo. Na versão tradicional, mantida pela família da autora, o *kibe* cru é elaborado totalmente nas casas, cuja carne é limpa manualmente e a carne cortada em pedaços grandes para início da moagem, passo a passo.

3.1. Hospitalidade a qualquer hora e a qualquer tempo!

Pela importância do *mezze* nessa pesquisa, entrevistou-se Leila Youssef Kuczynski³¹, proprietária do restaurante Arábia em São Paulo, considerado um dos melhores do Brasil, cuja obra de sua autoria **Líbano** Impressões e Culinárias e artigos da internet³² foram referências para essa dissertação. Leila Youssef foi extremamente hospitaleira, contribuindo com *expertise* para a pesquisa, concedendo o seu tempo precioso a essa troca de informações e de material bibliográfico que ela forneceu generosamente. Ela diz ter o hábito de “celebrar a nova amizade, dividindo a mesa” e, assim, iniciou-se a entrevista experimentando as delícias de seu restaurante.

Em meio a várias informações interessantes, conta que se “encantava”, quando criança, ao ver sua mãe transformar o que pareciam ser poucas coisas

³¹ Como a dissertação acabou por ter dois sujeitos de nomes iguais, um no anonimato, apropriado com o nome fantasia Leyla (com y) e o outro qualificado com o seu nome verdadeiro, Leila Youssef Kuczynski, estaremos denominando como Leila Youssef.

³² ZAIDAN, Patrícia. “**Dos afagos que um ser humano pode fazer ao outro, dar de comer é o mais genuíno**”. <http://claudia.abril.com.br/edicoes/527/fechado/atualidades>, acesso em 19 set 2006.

guardadas na geladeira ou na despensa, em uma magnífica refeição. Em pequenos pratos e tigelas, colocava tudo, ajeitava da melhor forma, para que a composição da mesa não desse a idéia de improvisação, mas de uma refeição especial aos “convidados” inesperados. Para Leila Youssef ver sua mãe, do “nada”, promover uma refeição maravilhosa, composta de várias tigelinhas e pratos variados, coloridos, apetitosos, era encantador!”.

Leila Youssef reafirma: “O hábito libanês de fazer visitas inesperadas é pretexto ideal para o *mezze*”. Todos conhecem a hospitalidade libanesa que mantém as portas abertas das suas casas até para receber os estranhos.

No entanto, deve se aproveitar a alusão a esse hábito, para uma reflexão sobre a hospitalidade nos dias atuais, a qualquer hora e a qualquer tempo. Será que existe ainda essa disponibilidade? Registra-se a postura proferida pelo entrevistado Camilo que disse que atualmente não pode ir à casa de seu tio ou tia, sem avisar antes, sem marcar um horário, que hoje existe muita cerimônia até entre as pessoas próximas. A maior parte dos depoentes e informantes dá a entender que há necessidade de agendar as visitas, os compromissos, por mais simples que sejam. Embora predomine o novo hábito de agendar as visitas, ainda se encontra libaneses, que mantêm a tradição de “receber a qualquer hora”. É o caso de Leyla, detentora de uma enorme capacidade de hospitalidade, muitas vezes até com estranhos, sua casa está sempre aberta, assim como o seu coração. Sempre dizia nas entrevistas: “venha a minha casa tomar café, comer alguma coisa – venha quando quiser”.

Na família da pesquisadora, observa-se essas duas tendências de maneira nítida. Quando telefona para as tias mais velhas, imigrantes da década de 50, perguntando quando pode fazer uma “visitinha”, elas respondem irritadas: “Yaibichum!”³³, a casa está aberta, venha quando quiser, sem avisar”. Já com as primas mais novas, os encontros e visitas são sempre agendados.

O próprio sentido da comensalidade na vida moderna tem se alterado, conforme opinião da Prof. Maria Lucrecia Rovaletti:

A modernidade impôs um ritmo de vida que afasta o homem do convívio familiar e social. Muitas vezes, por falta de tempo, a pessoa recorre ao telefone e pede uma pizza. Não existe mais aquela

³³ Tradução de Yabichum é Que vergonha!

relação afetiva com o alimento, ou seja, não se prepara o alimento para comer com outras pessoas³⁴.

Cozinhar é terapêutico. É colocar os ingredientes num vaso alquímico de onde saem transformações. Fortalece os laços, estabelece confiança para tratar de temas delicados. A cozinha é o lugar do forno quente, do afeto e suscita generosidade: um corta o dedo, o outro vem curar. Também favorece trocas. [...] Temos, na família, rituais ligados á comida. Pode ser um presente: nos aniversários, cada um diz o que deseja comer. Já quem adoce vai para a minha cama com direito à sopa de agrião na bandeja. Aí, é uma reverência³⁵.

Leila Youssef relata que a comida e a bebida podem trazer um ambiente propício ao perdão, desarmam as pessoas. É interessante como esse tema já vem sendo explorado, tanto em filmes, como em relacionamentos comerciais, pessoais e outros mais. Essa questão de ser inebriado, hipnotizado, distraído, acariciado com o prazer do alimentar.

Ouviu-se da depoente Suad: “as mães libanesas usam a elaboração da comida como símbolo da manifestação e transmissão de sua atenção amor e afeto, mas, também de seu poder”, ou seja, a comida sendo um passaporte para as suas conquistas e manutenção de vínculos. Bsiser³⁶ (2005, p.5) complementa: “a boa comida viaja sem passaporte”. Geralmente os filhos têm uma preferência pessoal pela comida de sua mãe.

Na cultura árabe é de se esperar que a mulher saiba cozinhar, independente do nível sócio-econômico da família, pois geralmente ela tem seu “reino na cozinha”.

Leila Youssef³⁴ (2005, p.2) narra ainda outro importante costume, o de “trocar pratinhos por cima do muro”:

Quem não teve um vizinho árabe que ofereceu *esfihas*? Ao chegar, o imigrante logo tratava de mostrar camaradagem e compartilhava o que tinha de melhor. Acho que isso faz falta nas cidades grandes. Mesmo morando em São Paulo, procuro trocar pratinhos com meus vizinhos. Para o antropólogo português, Alfredo Margarido, ‘a comida é também a última forma de resistência de um imigrante. As gerações que o sucedem deixam de falar a língua, mas não esquecem a culinária’.

³⁴ CRUZ, Maria Alice. **Comensalidade**. www.unicamp.br/unicamp/divulgacao/BDNUH/NUH_4399. Acesso em 11 set.2006.

³⁵ Z Aidan, Patrícia. “**Dos afagos que um ser humano pode fazer ao outro, dar de comer é o mais genuíno**”. Entrevista com Leila Youssef Kucsinsky. Disponível em <http://claudia.abril.com.br/edicoes/527/fechado/atualidades>. Acesso em 19 set 2006.

³⁶ BSISER, May – Essa obra consta nas referências bibliográficas, é um livro de receitas.

Prof. Safa Jubran, comentou que “não falar a língua de origem de seus ascendentes, nesse caso o idioma árabe, já inicia o distanciamento da cultura, porque há termos e formas de comunicação tão particulares nessa língua, que muitas vezes pode se perder o verdadeiro sentido ao ser traduzida”.

Na questão da hospitalidade libanesa, também pode se considerar um adicional enriquecedor o falar e entender a língua árabe. Pelo fato de não conhecer a língua árabe, pode se perder parte da dimensão do ritual da hospitalidade libanesa. Por exemplo, ao invés de se falar, por favor, estejam servidos, se diz “*Tafadalo* que significa me dêem a honra, que ao mesmo tempo é considerado um oferecimento e um convite. Quando vocês se unirem a mim nessa mesa, estão me dando a honra de mostrar a generosidade de uma mesa árabe”. (BSISER, 2005, p.1). Por essa razão, a autora colocou em seu livro de receitas, alguns pontos da cultura e das tradições do povo árabe.

Geralmente esse evento inclui o *arak*, uma bebida de preferência nacional libanesa no acompanhamento do *mezze*, de sabor de anis, feita de doces uvas brancas, se assemelha ao *ouzo*, uma bebida Grega, preparada através da combinação de uvas prensadas, ervas e “*berries*”. No entanto, a cerveja e o vinho também podem ser as bebidas adotadas nesse evento.

Zahle, cidade libanesa localizada no vale do Bekaa, grande produtora de vinhos, do *arak*, de *maiwarard* (água de rosas) e outros mais, é “considerada a melhor produtora de *arak* e a pátria do *mezze*” (DAWN;ANTHONY, 2005, P.26), apesar de não ser historicamente o local originário do *mezze*, tanto adotou esse costume, ou seja, a tradição, a continuidade, a repetição desse costume, acabou por fazer que Zahle se apropriasse e seja considerado sua pátria. É um dito popular na comunidade libanesa, que parece que todos os emigrantes de Zahle vieram para São Paulo, talvez seja por isso que o *mezze* se fez parte importante da reprodução da hospitalidade na nova terra, tanto na esfera doméstica, quanto na comercial.

Além da entrevista com a Leila Youssef, entrevistamos também o Sr. Samir Moyses, proprietário do restaurante Folha de Uva, que também confirmou a popularidade do *mezze* também junto aos brasileiros, assim como em conversas com brasileiros, muitos citavam a hospitalidade árabe através do *mezze*, seja na esfera doméstica, seja na comercial.

“O *mezze* [...] é representante do estado de espírito do Líbano e de uma certa arte de viver onde a gente aproveita o tempo e onde a vida social e de amigos revelam uma importância primordial” (HACHETTE, 1995, p.5).

O *mezze* então faz parte do bem viver dos libaneses, do saborear a vida, do espírito alegre e otimista que aqui se reproduziu, associando essa imagem à hospitalidade libanesa.

A generosidade e fartura dos libaneses são bem propagadas. A refeição geralmente se apresenta bem farta, muitas vezes até exagerada, independente da condição financeira do anfitrião, que entrega tudo que tem, muitas vezes ficando sem nada, para poder oferecer à visita..

“Fomos recebidos neste vilarejo com muito entusiasmo e acolhidos na casa do prefeito. Uma mesa rica em especialidades locais e nacionais nos esperava” (CHOUEIRI, 2002, p.270) .

Por ocasião das entrevistas com Manar, sempre estava presente um amigo e fornecedor, que fazia questão de alardear a generosidade e hospitalidade dos imigrantes libaneses residentes em São Paulo, com os quais ele tem uma relação de amizade e convivência, pela razão de ser representante comercial.

A incrível e surpreendente hospitalidade libanesa se mostra no caso da depoente Fátima. Ela relatou que, recentemente, após servir com prazer de cicerone a uma senhora africana até bem tarde da noite, convidou-a para jantar em sua casa, ou melhor dizendo, cear em sua casa, pois a refeição foi servida à meia-noite, improvisada e farta.

Na pesquisa de campo, percebe-se claramente que a cada entrevista e visita realizadas, sempre são servidas comidas com fartura e qualidade, desde pratos salgados até doces.

Deve-se destacar a diferença de algumas culturas quanto a estar satisfeito na refeição. O anfitrião libanês, por muitas vezes, ao avistar que o seu visitante terminou de comer tudo que estava em seu prato, automaticamente já o serve novamente, insistindo para que coma.

Outro fato bem claro de hospitalidade na cultura libanesa, é que não se deve indagar se o visitante quer um café, um doce ou um salgado. O ritual do bem receber dos libaneses é trazer tudo o que possui naquele momento, se possível o que é adequado ao horário da visita e servir ao visitante o que ele quiser. Uma jovem senhora libanesa, casada aqui no Brasil, com um descendente de libanês,

disse que em um dia desses, os amigos de seu marido foram lá para assistir a um jogo e ela perguntou: “Vamos tomar um café?”, na mesma hora que fez a pergunta, pensou: “estou deixando de agir como uma libanesa, que vergonha!”.

Registra-se aqui, também, a experiência pessoal da autora, filha de imigrantes libaneses, e, orientada desde criança a bem receber na hospitalidade libanesa. Quando uma visita chegava, mesmo que inesperadamente, sua mãe apenas dava o sinal com a cabeça e ela já sabia que era para levar o que tivesse, acompanhado de café, suco, água ou refrigerante.

É comum que se mantenha alimentos fáceis de servir a qualquer hora como *sfiha* de carne ou verdura, coalhada seca para comer com pão sírio, berinjela em conserva, azeitonas, *pistaches*, amêndoas, e também algum doce típico como “*mamul*” (doce de semolina recheado de nozes com açúcar, ou tâmaras) ou *graib* (feito com semolina e manteiga) que são práticos porque não precisam ser fritos ou assados ou ainda doces para serem fritos na hora: *ataif* (um pastel com massa de panqueca recheado de queijo ou de nozes com açúcar e servido com uma calda de açúcar com um toque de laranja) e *smid halib* (cuja tradução é semolina com leite, frito na manteiga e servido com a mesma calda do *ataif*). A lista de opções na culinária libanesa é realmente imensa e contempla uma diversificação ampla em seus elementos, propiciando uma alimentação saudável e completa³⁷.

A etiqueta na cultura Libanesa evidencia que a satisfação do hóspede, principalmente na refeição, tem uma importância vital para o anfitrião e é impensável que uma visita saia da casa de um libanês sem ter sido servido com alguma coisa. E é igualmente impensável que ele rejeite, fato que é considerado uma ofensa. O banquetear, festejar, encantar, estabelecer e ou manter vínculos através do contato na refeição, ou seja, nos momentos de comensalidade. Não se pode de deixar de considerar as festas filantrópicas produzidas pelas comunidades libanesas em São Paulo, quando a comida é um grande atrativo.

Quando se adentra a casa de um libanês, o primeiro acolhimento que se dá ao visitante é alimentá-lo, e caso ele recuse o que lhe é servido, muitas vezes é considerado uma ofensa. É de grande decepção e tristeza se a comida não agrada a todos, resultando em lamentação daquele que a elaborou, porque mais uma vez se

³⁷ A título de ilustração, informa-se que a obra do Chef. Ramzi N. Choueiri sobre o patrimônio cultural do Líbano é tão bem realizada que lhe rendeu ser o vencedor do prêmio mundial do livro de culinária de 2003.

reafirma o que muito se ouviu na pesquisa de campo, “o alimentar na cultura libanesa é também uma forma de se transmitir a atenção”.

Choueiri (2002, p.363) retrata que na região de Akkar no Líbano, se encantou com a “amabilidade sincera” dos idosos, além da “hospitalidade afetuosa” que se mesclam com o “desejo ilimitado de compartilhar os seus costumes”. O que o agradou bastante foi justamente verificar a manutenção de antigos costumes e tradições libanesas ainda vigorando naquele lugar. Uma vez que em outros lugares, as tradições e antigos costumes já têm se arriscado a ser esquecidos no dia a dia.

Os autores Yasbek e Abrahão (1996, p.12) mencionam a abundância de receitas no Líbano, inversamente proporcional ao tamanho do país. No entanto, a sua extensão geográfica não limita o “grande número de povos e grupos étnicos” que formam o contingente populacional do país. ‘O povo que mora na planície não é o mesmo povo que mora na montanha a uma milha dali’ (jornalista Albion Ross apud Yasbeck e Abrahão, 1996, p.12.). Além disso, vale registrar que o enorme “respeito às tradições e aos antepassados é um dos traços mais fortes da cultura árabe”, promovendo assim a passagem de receitas de culinária, “sem alteração alguma, dentro de uma família, de mãe para filha, através dos séculos.” Observa-se que a obra de Yasbek e Abrahão é justamente da região norte do Líbano, chamada Akkar e coincide com a opinião de Choueiri na questão da manutenção das tradições na hospitalidade.

Os depoentes afirmam que os libaneses apreciam presentear as pessoas, sendo de bom tom todas as vezes que se visitar um libanês levar alguma coisa, não ir de mãos vazias. Não é realmente esperado retribuir com valores equivalentes. O libanês pela sua própria natureza altiva (TRUZZI, 1992), muitas vezes exagera no dar para diminuir as chances do outro retribuir a altura e então o outro ficar em dívida. É um hábito cultural que o homem pague a conta em um local público, mas quem recebe essa gentileza buscará uma forma de retribuir, sem que o ciclo se esgote e que a troca permaneça desequilibrada, provocando um novo encontro.

Concluindo, a alimentação ocorre como manifestação de hospitalidade na cultura libanesa e revelando o quanto é fundamental o alimentar, os momentos de comensalidade no desenvolvimento das relações sociais e também da contribuição para a restauração, da reprodução dessa comida tão bem desenvolvida na comunidade de imigrantes libaneses residentes em São Paulo. Acrescenta-se ainda que o fornecimento da matéria-prima importada pelos empórios libaneses facilita e

muito a reprodução da culinária libanesa e quando essas matérias-primas não são encontradas, ou se tornam inviáveis pelo seu alto custo, ou ainda não são adequadas para o clima brasileiro, realiza-se a substituição delas com criatividade, como por exemplo, a substituição da carne de carneiro pela carne bovina na produção do *kibe* e a substituição do *pistache* pelas nozes ou até pela castanha de caju na sobremesa "*baklawa*".

A título de ilustração, se reproduz abaixo alguns eventos da comunidade libanesa em São Paulo, para os quais a pesquisadora foi convidada.

Um deles foi um *mezze* oferecido por uma informante no salão de festas do prédio em que reside. O salão apresentava uma decoração em estilo árabe e foi um exemplo da arte de bem receber libanesa: Alimentação maravilhosa, fartura, carinho, acolhimento, amizade, prazer de estar junto, até a questão do tempo, sem hora para começar, sem hora para acabar.

Percebe-se que apesar dessas mulheres morarem em São Paulo, terem uma vida com menos tempo disponível do que no Líbano, elas ainda sabem "curtir a vida" com espírito libanês, aproveitar e se deleitar com o tempo dispensado as amigas, ao bem querer. É lógico que o estilo de vida em São Paulo não permite a mesma disponibilidade que tinham em sua terra de origem, mas nem por isso, deixam de fazer concessões em suas rotinas e se deleitam no ambiente agradável, sem pressa, na companhia de entes queridos. Refrigerantes e sucos acompanhavam a mesa atraente, colorida, exageradamente farta, variada, primeiramente foram servidos os pratos frios e depois os quentes e finalizando a refeição com as frutas, os doces e o café. Percebeu-se que a única bebida alcoólica, talvez por respeito às muçulmanas presentes, era o ponche. No Líbano o pó do café é considerado caro, oferecido como prestígio ao visitante e feito à moda turca, sem coar.

Em eventos descontraídos como esse, era possível se observar algumas características do povo libanês, como a alegria, a forma "espirituosa" do povo libanês em enfrentar as situações adversas, faz-se piadas das tragédias, a altivez de jamais se considerar derrotado, o orgulho e a forma heróica de como narram as suas histórias.

Outro evento, esse ocorrido no ambiente doméstico de Leyla, também pôde ser associado ao *mezze*, na sua descontração, tempo indefinido e de apenas prazer e degustação.

Foram servidos vários alimentos, figos, azeitonas, azeite, vindos diretamente da região da anfitriã no Líbano, trazidos por amigos e por parentes. Primeiramente uma sopa chamada *kāchick*, bem forte, nutritiva e pesada, que os Libaneses tomam no café da manhã, mesmo tendo carne, cebola e *snaubar* em sua composição. Percebe-se mais uma vez o espírito típico do libanês de insistir com o visitante que coma bastante e demonstre a sua satisfação.

Visitou-se Leyla por diversas vezes. Em todas as ocasiões a comida, especialmente a libanesa esteve presente, mesmo que fosse durante a tarde, após o jantar ou no meio da manhã.

Segundo os depoentes, "o prestígio do anfitrião e a qualidade da comida, são avaliados através da quantia consumida pelo convidado". A satisfação ao perceber o prazer do visitante ao saborear o prato especialmente servido a ele. A atividade de cozinhar atrelada ao prazer de agradar ao outro, de fazê-lo se sentir especial, querido, bem recebido. A depoente ofereceu um almoço à entrevistada e fez questão de preparar o seu prato predileto. Nesse evento em especial, percebeu-se que um vínculo estreito de atenção, amizade e confiança havia se formado entre ela e a família de Leyla.

Por ocasião de um jogo da copa do mundo de 2006 em que jogava o Brasil, assistiu-se ao evento na residência de Leyla com seus familiares. Pôde se verificar a grande animação em torcer pelo Brasil. Na mesa, conviviam pratos árabes e brasileiros.

Muitos produtos alimentícios são importados por empórios, importadores e exportadores libaneses estabelecidos no Brasil. Doces como os "*baklawas*" de puro *pistache* preparados pelas docerias especializadas de Trípoli – Líbano. Mas como alguns produtos podem perder a qualidade com a importação, muitos dos imigrantes libaneses quando retornam de visita ao Líbano, chegam carregados com bagagens de mão repletas de doces ou frutas especiais, aqui não encontradas, assim como de produtos produzidos pelas suas próprias famílias ou específicos de sua região. Trazem tanta coisa, que chegam a ter dor nas costas por dias. Em um dos contatos com Leyla, atendeu-se a um *mezze* em casa de sua sobrinha, para visitar a irmã de Leyla, que acabara de voltar de uma viagem de seis meses de férias no Líbano. Ela trouxe alimentos somando 25 kg. em sua bagagem de mão, apesar de sua estrutura física não permitir esse abuso. É voz geral, que um presente que agrada os libaneses, são os alimentos procedentes da terra de origem, em virtude do valor

agregado à alimentação, tratando-se dela como um traço muito importante não só na cultura libanesa, mas no mundo árabe como um todo.

3.2 Rituais especiais

O *Ramadan* é um período considerado sagrado para o muçulmano, praticá-lo é um dos cinco pilares do islamismo, sua ocorrência varia de acordo com o calendário lunar e se traduz em um tempo de introspecção, de filantropia e de jejum. O jejum se traduz em abstenção de comida, bebida e sexo entre a alvorada e o anoitecer durante todo o mês do *Ramadan*. Os islâmicos consideram o jejum um ensinamento de força, de controle, uma forma de equilibrar “as essências espirituais com as necessidades físicas³⁸”.

Como já mencionado, participou-se de um jantar de *Ramadan* na casa de Behar, que fez o convite, no primeiro contato com a pesquisadora, de forma bem aberta, espontânea e firme, apenas recomendando que a mesma deveria estar lá presente pontualmente às 19.20h., nem antes nem depois, tudo de acordo com o por do sol. Participaram mais ou menos 20 pessoas, todos parentes dela e de seu marido, inclusive a mãe da anfitriã que havia chegado do Líbano no dia anterior. Nenhuma das mulheres usava o véu (*hijab*) “cuja função é ‘proteger’ a mulher da cobiça masculina³⁹”. Foi uma festa farta, tudo da melhor qualidade, inclusive uma caixa de doces vinda diretamente de uma confeitaria famosa no Líbano. Esse evento contribuiu para conhecer um dos pilares do islamismo, de observar e participar da hospitalidade dos libaneses muçulmanos e principalmente ter a oportunidade de fazer relacionamentos com membros dessa comunidade, principalmente com a anfitriã, que mesmo em poucos contatos, foi extremamente hospitaleira, como ela mesmo se considera, exemplificando a estada do sobrinho de seu marido por um ano em sua casa. Ela disse que sente prazer, assinalando uma facilidade natural do bem receber.

³⁸ Disponível em <<http://www.an.com.br>. Acesso em 26 nov. 2005.

³⁹ Disponível em ><http://www1.uol.com.br/bibliaworld/missões/412htm> Acesso em 30 jun. 2006.

Também na pesquisa de campo, houve a oportunidade de conhecer através da narração dos depoentes um pouco sobre a hospitalidade nos ritos fúnebres e nos rituais de comemoração dos nascimentos na cultura libanesa.

Pela representatividade de várias religiões no Líbano e também na comunidade libanesa pesquisada em São Paulo, percebe-se que há algumas pequenas diferenças nos rituais islâmicos e cristãos, quanto ao funeral em si, a preparação do corpo, mas quanto a etiqueta no receber e dar as condolências é bem semelhante. No islamismo, a particularidade da preparação do corpo do defunto é semelhante ao judaísmo, lavando-o com água quente e o enrolando com faixas dando um aspecto semelhante às múmias.

Ao funeral geralmente apenas os homens são esperados, ou seja, só eles têm a “obrigação” de comparecer. As mulheres podem ir se quiserem, mas geralmente não vão. No Brasil, elas não mantiveram esse hábito, principalmente as mulheres cristãs, que comparecem ou não aos funerais, em função da proximidade com quem faleceu ou com a família deste.

Geralmente, o morto é velado na própria casa se falece na própria casa, então a vigília se estende por toda a noite com revezamento das pessoas, principalmente as da casa.

Quando o falecimento se dá no hospital, geralmente os muçulmanos são velados nas mesquitas e os cristãos nas igrejas.

Em ambas religiões, é tradição servir uma grande refeição após a cerimônia do funeral. Em Beirute, geralmente se contrata um serviço de *catering*, quando a família é abastada, quando não, os parentes e os vizinhos se encarregam da missão. Nas aldeias, na maioria das vezes, mesmo os mais endinheirados acabam por ter parentes próximos dirigindo os funcionários domésticos e realizando a refeição. Quando não há condições financeiras, os vizinhos, amigos e parentes se responsabilizam pela refeição e muitas vezes o fazem por vários dias, para que a família enlutada não precise se preocupar com isso.

As refeições servidas após a cerimônia funeral, na missa e na oração coletiva do quadragésimo dia, podem ser consideradas uma homenagem a quem faleceu.

Aman, uma das entrevistadas, perdeu uma irmã recentemente no Líbano e ofereceu, aqui no Brasil, uma cerimônia de oração na mesquita em sua honra. Para essa cerimônia cozinhou, ela mesma, muitos pratos, com muito amor e com muita fartura, como ela mesmo narrou, bem emocionada: “Fiz questão de cozinhar,

trabalhar horas e horas para a minha querida irmã, para fazer homenagem de coração, mesmo com dor, muita dor, quis fazer, não quis que outros fizessem a comida, eu quis fazer...”.

Os libaneses choram durante muito tempo os seus mortos, no entanto, gostam de se mostrar fortes e cumprir os rituais. Existe uma cobrança da comunidade para seguir a tradição: do vestuário no período de luto, no vestir de preto por todo o período enlutado e sair dele vagarosamente, passando pelas cores neutras antes de usar as coloridas e também quanto a vida social no período de luto, não se deve atender a nenhum evento social em que a alegria possa estar presente.

Há semelhanças entre protocolos dos ritos fúnebres no islamismo e no cristianismo. A partir do edital de publicação da morte, ficam reservados três a quatro dias para as visitas de condolências, sendo que, o islamismo reserva a particularidade de indicar locais distintos para mulheres e para homens para a visitação. Abre-se novamente o período de recebimento de pêsames do sétimo ao quadragésimo dia. No islamismo, segundo Suad, nesse segundo período, costuma-se estabelecer uma agenda de visitas. Nos lares cristãos, segundo Maya, principalmente em Beirute, sua cidade de origem, não é comum se visitar as famílias após o sétimo dia, se não houver intimidade suficiente, a não ser que seja o falecimento de uma autoridade ou de uma tragédia nacional. Os libaneses preparam alimentos para oferecer àqueles que vieram compartilhar da sua dor.

No entanto, na morte do Sr. Rafik Hariri, o Líbano ficou completamente em luto pela tragédia assustadora de seu assassinato juntamente com sua equipe. Isso traumatizou os libaneses. Percebeu-se a tristeza deles quando se tentava tocar no assunto. No Brasil, em São Paulo, foi publicado um edital para recebimentos formais de pêsames, inclusive na internet. Nada para ser servido foi providenciado, tamanho era o desespero e choque com a terrível notícia.

Como em outros países, os nascimentos são bem festejados, com muita alegria e vários desejos do melhor para a nova vida. É costume servir-se um doce chamado *meghli*⁴⁰, que é elaborado com especiarias, com amêndoas, *pistaches*, gengibre, e outros ingredientes, tanto para a mãe ter mais leite, como para os visitantes participarem da alegria da família e desejarem boa saúde e felicidade ao bebê. Acrescenta-se também o serviço de chá de especiarias, principalmente

⁴⁰ Meghli significa fervido.

canela, gengibre, nozes, fazendo com que os que visitam se sintam acolhidos, prestigiados e participantes da celebração.

CONCLUSÃO

Há no processo de imigração um entrelaçamento de fatores e influências e, nesse trabalho, busca-se focalizar a maneira como os libaneses se estabeleceram em São Paulo, como os estilos de vida foram recriados e modificados e no processo de sua integração. Na relação com a cultura receptora procurou-se perceber os padrões de adaptação e como eles repercutiram nas vidas e nos relacionamentos dos migrantes individualmente, das famílias e da comunidade.

Buscou-se testemunhas que confiaram suas experiências nesse doloroso processo de ruptura e de adaptação para a integração na nova cultura e revelaram as condições que facilitaram a reformulação de suas vidas. Assim, tentou-se uma reflexão sobre esse processo através do testemunho dos próprios personagens.

Os imigrantes libaneses, vindos nos período de 1973 a 1992, em sua maioria fugindo da guerra civil, contaram com uma rede de apoio formada por libaneses já instalados e esse contato facilitou a sobrevivência social e econômica. É o caso, por exemplo, de Leyla que chegou em 1976, já casada e com dois filhos. Era professora do governo e seu marido advogado. Estavam indo bem, tinham um futuro promissor profissionalmente. Vieram por causa da guerra civil. A situação da cidade foi piorando e os seus filhos estavam com muito medo dos tiros e bombas que ouviam, então decidiram emigrar, escolheram o Brasil por já terem parentes estabelecidos nesse país. Foram acolhidos pelo irmão mais velho do marido que morava num apartamento confortável em Uberlândia. Ela conta que apesar da grande tristeza que sentia por ter emigrado, se sentiu acolhida pelo cunhado que lhes ofereceu conforto, carinho e atenção.

Essa qualidade de acolhimento foi particularmente importante porque para esse grupo de imigrantes, a principal motivação de sua decisão foi a guerra civil,

portanto repentina, sem planejamento, considerada forçada e, assim, muito dolorosa.

Outro fator que foi extremamente importante no processo de integração foram as condições favoráveis para a manutenção da hospitalidade. Muitos revelaram que sofreram com as alterações do padrão econômico e social. Uma entrevistada conta do seu choque por ter sido arrancada de sua pátria, desenraizada de uma hora para outra, e enfatiza o fato de que tinha uma residência aberta para receber seus amigos – um grande número “muitos amigos mesmo”. Diz que o sofrimento foi tão grande que lhe resultou numa doença crônica.

Esse depoimento aponta para a força da tradição da hospitalidade, da convivialidade na cultura libanesa – “a casa sempre aberta para receber amigos” lhes dava o sentido de pertencimento ao grupo. Se, por um lado, foi particularmente doloroso abandonar os amigos, esse traço cultural foi um dos aspectos que os ajudou na integração na nova pátria. Leyla é um exemplo emblemático. Sua casa é aberta e todos conhecem e praticam o costume libanês de chegar sem avisar. Leyla já deixa vários alimentos pré-preparados, que, `rapidinho, rapidinho` como costuma dizer, elabora uma mesa farta, gostosa e bonita. Como de hábito, confessa que fica feliz por ser elogiada pela sua agilidade e pela deliciosa comida. A hospitalidade libanesa está, freqüentemente, associada à alimentação. “Em casa de árabes, não se pode sair sem comer, senão é uma ofensa” diz um depoente.

O depoimento de Nour, ao mesmo tempo em que confirma a tradição do acolhimento com mesa farta através da qual foi mantida a tradição de sociabilidade libanesa e que facilitou a ampliação do círculo social pela inclusão dos brasileiros, aponta para mudanças interessantes em função do confronto com a diferença nos padrões de acolhimento brasileiro. Ela diz que se percebe ainda bem libanesa em alguns aspectos. Por exemplo, sua casa sempre tem comida para uma eventual refeição não programada, pois sua casa é `bem libanesa` no sentido de estar aberta a visitas. Diz ela que mesmo quando pergunta “você quer isso ou aquilo” o faz apenas por perguntar, porque traz e serve tudo que possui naquele momento. No entanto aponta para uma diferença significativa. Diz que demonstra toda a sua hospitalidade, mas que tenta não `sufocar a visita`. Narra que quando voltou ao Líbano de férias notou, durante suas visitas, que lá era completamente diferente. Achou que são exagerados quanto à fartura da comida servida e, também, na insistência junto à visita para comer e comer, que acabou por se sentir sufocada.

Essa mudança foi igualmente observada no depoimento de Leyla quando narra um almoço que lhe foi oferecido por uma brasileira. Ela e seu marido foram recebidos com muita honra e souberam entender que eram convidados principais. Foram servidos um prato principal e seus acompanhamentos, não tinha salada nem outras opções. A sobremesa foi levada por Leyla que já havia avisado à anfitriã que levaria um doce especial (maravilhoso por sinal, cheio de *pistaches*, bem caprichado e que foi o sucesso do almoço). A anfitriã pediu desculpas, pois disse que sabia que o almoço não estava à altura dos convidados porque Leyla é conhecida como `cozinheira de mão cheia`, mas que tinha feito tudo com amor e apreço. Quando voltaram para casa, o marido de Leyla lhe disse: “Aprenda com ela que soube nos receber com muita atenção e muito bem, com uma alimentação normal – mude seu jeito de receber, aprenda com os brasileiros”. Leyla destacou que em nenhum momento criticou a simplicidade do almoço, ao contrário, percebeu com clareza que era proveniente de diferenças culturais e que a manifestação da hospitalidade pode ser de forma distinta, mas nem por isso, menos valorizada. Confessa, entretanto, que embora os costumes sejam arraigados, já nota algumas mudanças no sentido de aliviar suas manifestações de hospitalidade.

Na casa de um libanês, como já foi dito, a fartura e a qualidade da comida devem estar presentes. Permanecer com esse padrão representa um vínculo com a tradição e é um símbolo de continuidade.

Geralmente, a cozinha, a tradição culinária, é o traço mais resistente de uma cultura, que se conserva mesmo se outros padrões foram abandonados.

O trabalho e os gastos implícitos na tradição de servir uma grande variedade de pratos são compensados pelo fato de lhes conferir a notabilidade em que se fundamenta seu prestígio social. Portanto, estar no Brasil lhes proporcionou uma nova grade de significados e representações o que lhes permitiu uma simplificação, um abrandamento das imposições do ritual de convivialidade sem, no entanto, descaracterizar suas especificidades.

Em um dos contatos com uma entrevistada, que nesse pormenor prefere não ser identificada, conta que no início de sua vida de casada com um descendente de libaneses no Brasil, tinha o costume de se preocupar em atender os velórios, funerais de pessoas da comunidade libanesa, e quando não o fazia ficava atormentada com o peso na consciência por ter faltado com a obrigação. Mas seu marido insistia para que ela não se preocupasse afirmando que no Brasil se atende

às cerimônias e homenagens somente no caso dos mais próximos e que dependendo do grau de amizade não se fazia necessário o comparecimento. Ela afirma que demorou ainda um tempo para se acostumar e se livrar da sensação de estar errada mas, quando conseguiu, “se sentiu um passarinho”.

Também, na ocasião do recente assassinato do ministro Pierre Gemayel, dois dias antes da celebração de 63 anos da independência do Líbano, a tristeza dos libaneses era visível e a festa de independência foi cancelada. Mas a comunidade libanesa foi apresentar os pêsames à autoridade diplomática do Líbano em São Paulo. A representatividade dos que foram apresentar condolências era bem menor do que o número de convidados para a planejada comemoração que não ocorrera. Talvez esse seja um indício do distanciamento dos imigrantes libaneses radicados em São Paulo das ocorrências em sua terra natal ou pelo fato de, no Brasil, se sentirem livres da obrigatoriedade de atender a essas situações que, no Líbano, apresentam um protocolo bem mais severo, uma cobrança já estabelecida na educação dos filhos que resulta na interiorização das obrigações sociais de forma bastante intensa.

Nesse estudo percebeu-se que o imigrante libanês se permitiu libertar-se daquelas obrigações exageradas, extremamente rígidas. Buscou o equilíbrio não se deixando seduzir pelo extremo oposto da despreocupação total em atender as exigências da conduta prescrita pela cultura. Não concordam, por exemplo, com os trajes coloridos e descontraídos numa missa de sétimo dia. Não que o sentimento seja medido pelo traje, mas consideram que o respeito é também uma forma de manifestar empatia e sentir a dor do outro.

No Líbano, segundo Maya, os vizinhos de uma família enlutada, por consideração, não fazem festas nem colocam música alta.

Ela comenta também, os exageros e a rigidez dos costumes libaneses na ocasião do luto. Um ano é o período mínimo para se atender a um evento social e abandonar o uso da roupa preta e voltar a usar maquiagem. Em seu casamento, sua avó não compareceu porque ainda estava de luto pela viuvez que ocorrera quatro anos antes.

Era considerado falta de respeito não obedecer às regras de conduta prescrita pela tradição. O preço pago por essas transgressões era alto – ficava-se `mal falado`. Acabava-se por interiorizar de tal modo esses valores que não desempenhá-los provocava culpa e vergonha que, também, afetava a família. Até

questões pequenas como não comparecer adequadamente vestido e calçado ao funeral causava constrangimentos porque existe uma associação do prestígio do falecido ao número de pessoas que apresentavam condolências e, também à forma como se trajavam.

Portanto, a liberdade conquistada na imigração ao Brasil é bem valorizada. A ocidentalização e a modernização dos costumes trouxeram um alívio a todos. Essa liberdade conquistada no novo território faz com que os imigrantes não se sintam sufocados pelas obrigações, ou até mesmo, pela hospitalidade, muitas vezes exagerada que lhes tirava a vontade de ir e vir.

Ao que tudo indica, essa liberdade é uma das vantagens da imigração a esse país tropical. No entanto essa maior flexibilidade, esse afrouxamento no controle social ao mesmo tempo em que é celebrada como vantagem e benefício é apontada por entrevistados, também, como um fator que estimula atos de corrupção e de desonestidades por não serem devidamente punidos.

As interações sociais constituem a trama das relações sociais. A impregnação cultural nesses códigos de interação social é onipresente na vida das pessoas. Esta é a razão das dificuldades e obstáculos que devem ser transpostos numa situação de contato entre culturas diferentes, e, especialmente no caso desse grupo, que se viu forçado a abandonar seus costumes, seus amigos. Nos depoimentos colhidos houve uma acentuada concordância em afirmar que as dificuldades e os problemas de adaptação foram minimizados porque mantiveram seus padrões de hospitalidade e, principalmente porque esses padrões se beneficiaram com o contato na nova terra por terem se libertado dos exageros e no abrandamento da pressão social no cumprimento de certos padrões de sociabilidade. Além disso, essa hospitalidade é, também, um fator de integração com a sociedade receptora, pois há um consenso de que a comensalidade é uma forma privilegiada de iniciar e manter relações entre as pessoas.

Naomichi Ishige (1987) resume de maneira muito adequada esse aspecto:

“As refeições feitas em comum reforçam o grupo e contribuem para a sua coesão. São também um meio de comunicação, que permitem a cada um manifestar sua identidade dentro do grupo”.

O que Naomichi Ishige (1987) fala sobre a comensalidade, pode-se igualmente dizer com relação à dádiva e, conseqüentemente a hospitalidade. A dádiva está na raiz da hospitalidade e da comensalidade e, por essa razão, as

tornam responsáveis pela criação e manutenção dos vínculos sociais e, também, pela ampliação do círculo das relações sociais.

Marcel Mauss, ao estudar as sociedades arcaicas, percebeu que a antítese da guerra era a dádiva – sendo um ritual de apaziguamento e por isso mesmo o contrário da hostilidade. O autor afirma que a dádiva com as várias formas de manifestação seria a base, o fundamento e sustentáculo da sociabilidade. E a grande contribuição do grupo francês M.A.U.S.S foi ter reconhecido que as sociedades contemporâneas têm o mesmo fundamento de sociabilidade e apontar para a importância vital dela em qualquer tipo de sociedade. Isso ficou muito claro no processo de adaptação e integração desses imigrantes.

A situação de todo imigrante é pontuada de encontros para os quais sua cultura original não lhes deu parâmetros de conduta. O testemunho dos relatos orais revelaram as características da interpenetração de padrões culturais entre eles e os brasileiros e fazem uma menção especial à hospitalidade brasileira e a liberdade presente no país. Os poucos preconceitos que alguns sofreram não alteraram a abertura que sentiram por parte do povo brasileiro que lhes deu oportunidades para a manifestação da hospitalidade libanesa e dela se utilizar como um passaporte para a sua adaptação ao novo território, e ao mesmo tempo proporcionar um acesso a assimilação da cultura dominante.

Pelos relatos também foi possível verificar que eles consideram o comércio étnico como outro facilitador importante de inserção em São Paulo, quando provê oportunidades de acolhimento aos novos imigrantes, que muitas vezes não têm opção de buscar uma outra atividade.

Foi ainda apontado um outro fator que facilitou a integração – a mascateação. Isso fica claro no depoimento de Camilo:

“Dois meses depois da minha chegada, 1985, eu pegava o ônibus na rodoviária em direção ao interior de São Paulo e também de Mina Gerais. Com as malas recheadas de mercadorias, descia nas cidades que acreditava ter possibilidade de venda e ia batendo nas casas”.

Atuando como mascate, avaliou o interior dos estados de São Paulo e Minas Gerais bem hospitaleiros, pois o recebiam muito bem. Fala com orgulho que depois de um tempo era considerado “de casa”. Diz que conquistou confiança e fez um trabalho “sem mancha”. Afirma que hoje os clientes conquistados quando mascate permanecem fiéis compradores de sua loja na rua 25 de Março. Diz ele: “Eu me

considero um desbravador porque meu tio, que me recebeu no Brasil, não me ensinou o ofício, fui descobrindo sozinho

Alistair Thomson (2002) aponta para o fato do relato oral revelar as sutilezas das relações familiares, as redes de conexões sociais, a passagem do tempo na vida das pessoas e as forças da mudança. E nesta pesquisa pudemos confirmar integralmente as possibilidades do relato oral porque foi através deles que pudemos perceber as alterações e adaptações que foram introduzidas e acomodadas no decorrer do processo de integração do grupo de imigrantes libaneses na cultura brasileira.

Conclui-se assim que a hospitalidade libanesa vem sendo reproduzida no Brasil, mas não exatamente da mesma forma que no Líbano. Algumas alterações foram introduzidas no decorrer do tempo e em função de diversos fatores, dentre eles, o contato com os padrões brasileiros, a diferença do ritmo de vida no oriente e no ocidente, as distâncias geográficas e a disponibilidade de tempo em uma metrópole como São Paulo. Além disso, o estilo de vida e os valores se alteraram ao longo do tempo influenciados pela modernidade e pela globalização. Os depoimentos também confirmaram o papel vital da hospitalidade na formação e manutenção da sociabilidade.

Ahla wa sahla⁴¹!!!

⁴¹ Seja bem vindo

Referências Bibliográficas

ALBERTI, Verena. **Manual de história oral**. 3ª edição. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2005.

ALBERTI, Verena. **Ouvir Contar** : textos em história oral. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

BSISU, May. **The Arab table**. *Recipes and culinary traditions*. USA: Harper, 2005.

BOSI, Eclea. **Memória e sociedade**: lembrança de velhos. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

_____. **O tempo vivo da memória**. Ensaios de psicologia social. 1.ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

CAILLÉ, Alain. **Antropologia do Dom: O Terceiro Paradigma**; tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

CAMARGO, Luiz Octávio de Lima. **Hospitalidade**. São Paulo: Aleph, 2004.

_____. **Os domínios da hospitalidade**. In: DENCKER; BUENO (orgs.). **Hospitalidade: Cenários e Oportunidades**. São Paulo: Thomson, 2003.

_____. **Turismo, Hotelaria e Hospitalidade**. In: DIAS (org.). **Hospitalidade: Reflexões e Perspectivas**. Barueri: Manole, 2002.

CHOUËIRI, Ramzi N. **O Patrimônio Culinário do Líbano**. Para a edição portuguesa (Brasil) do original em Árabe. Hadeth – Líbano: Ramzi Nadim Choueiri, 2002.

DE CERTEAU, M.; GIARD, I & MAYOL, P.1997. **A invenção do cotidiano**. V. 2: Morar, cozinhar. 1ª ed. Tradução De Ephraim F. Alves e Lúcia Endlich Orth. Petrópolis, Vozes, 372 p.

DENCKER, Ada de Freitas Maneti; BUENO, Marielys Siqueira (orgs). **Hospitalidade: Cenários e Oportunidades**. São Paulo: Thomson, 2003.

DIAS, Célia Maria de Moraes (org.). **Hospitalidade: Reflexões e Perspectivas**. Barueri: Manole, 2002.

DUFOURMANTELLE, Anne. **Anne Dufourmantelle convida Jacques Derrida a falar da Hospitalidade**. Tradução Antonio Romane. São Paulo: Escuta, 2003.

DUON, Taufik. **A emigração sírio-libanesa às terras da promessa**. São Paulo, ed.autor, 1944.

FAUSTO, Boris. **Historiografia da Imigração para São Paulo**. São Paulo: Editora Sumaré, FAPESP, 1991.

_____. **Fazer a América: A imigração em massa para a América Latina**. São Paulo: EDUSP, 1999..

_____. ... et al. **Imigração e política em São Paulo**. São Paulo: Editora Sumaré, FAPESP, 1995.

GATTAZ, André. **Do Líbano ao Brasil: história oral dos imigrantes**. São Paulo, Gandalf, 2005.

GODBOUT, Jacques T. com Alain Caillé. **O Espírito da Dádiva**. Tradução Patrice Charles F.X. Wuillaume. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1999.

_____. **Recevoir, c'est donner**. In Communications, L'Hospitalité, nº 65, Paris: Ed. Seuil, 1997. 35-47 p.

GOTMAN, ^a 2001. **Le sens de l'hospitalité**. Essai sur les fondements sociaux de l'accueil de l'autre. 1^a ed. Paris: PUF.

GREIBER, Betty Loeb; MALUF, Lina Saigh; MATTAR, Vera Cattini. **Memórias da Imigração: libaneses e sírios em São Paulo**. São Paulo: Discurso editorial, 1998.

HAJJAR, Claude Fahd. **Imigração Árabe Cem Anos de Reflexão**. São Paulo: Ícone Editora, 1985. 228 p.

HALBWACHS, M. 1950. **La memoire colective**. Ed. Póstuma. Paris, PUF

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro – 10^a edição. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

HOBSBAWN, Eric J./RANGER, Terence O. **A invenção das tradições**. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

HOLMIN, Dalal A . ; ABBAS, Maher A . **From the table of Lebanon**. New York: Book Publishing Company, 1997.

HOURANI, Albert Habib. **Uma história dos povos árabes**. Tradução Marcos Santarrita. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

ISHIGE, Naomichi. **O Homem, O Comensal**. Revista Correio, Julho 1987.

KARAM, John Tofik – **Distinguishing Arabesques: The Politics and Pleasures of Being Arab in Neoliberal Brazil** – Degree of Doctoral of Philosophy in Anthropology in the Graduate School - M.A Syracuse University – 2003.

KEMEL, Cecília. **Sírios e libaneses: aspectos da identidade árabe no sul do Brasil**. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2000.

KHATLAB, Roberto. **Mahjar – Saga libanesa no Brasil**. Zalka-Líbano: Mokhtarat, 2002.

KLICH, Ignacio; LESSER, Jeffrey. **Arab and Jewish Immigrants in Latin America: Images and Realities**. London and Portland, Oregon: Frank Cass Publishers, 1998.

KNOWLTON, Clark S. – **Sírios e Libaneses: mobilidade social e espacial**. Tradução Yolanda Leite. São Paulo, Anhambi, 1960.

KOCHILAS, Diane. **Meze: Small Plates to Savor and Share from the Mediterranean Table**. Harper Collins Publishers Inc, New York, 2003.

KORAICHO, Rose. **25 de Março – Memória da Rua dos árabes**. São Paulo: Koema, 2004.

KUCZYNSKI, Leila Mohamed Youssef. **Líbano Impressões e Culinárias**. São Paulo: Empresa das Artes, 1994.

LASHLEY, Conrad; MORRISON, Alison. **Em busca da hospitalidade**. São Paulo: Manole, 2004.

LESSER, Jeffrey. **A negociação da identidade nacional: imigrantes, minorias e a luta pela etnicidade no Brasil**. São Paulo: Ed. UNESP, 2000.

LUCENA, Célia Toledo. **Artes de lembrar e de inventar (re) lembranças de migrantes**. São Paulo: Editora Arte & Cine, 1999. 192p.

MAUSS, Marcel. **Sociologia e Antropologia**. Tradução Paulo Neves. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.

MALINOWSKI, Bronislaw. **Argonautas do Pacífico Ocidental: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos Arquipélagos da Nova Guiné Melanésia**. SP: Abril Cultural, 1976 (Série Os pensadores)

MEIHY, José Carlos S.Bom. **Augusto e Lea**. São Paulo, Contexto, 2006.

_____. **Manual de história oral**. São Paulo: Loyola, 1996.

OSMAN, Samira. **Caminhos da Imigração Árabe em São Paulo: história oral de vida familiar**. Dissertação (Mestrado)-Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo, 1998.

POLLACK, Michael. **Memória, Esquecimento, Silêncio**. Tradução Dora Rocha Flaksman. Rio de Janeiro: vol.2, n.3, 1989, p. 3-15.

REECE, Steve. **The Conventions of the Homeric Hospitality Scene. In: The Stranger's Welcome – Oral theory and the Aesthetics of the Homeric Hospitality Scene**. Michigan Monographs in Classical Antiquity. The University of Michigan Press, 1993. p.1- 46.

SAFADY, Wadih. **Cenas e cenários dos caminhos de minha vida**. Contribuição para o estudo da imigração árabe no Brasil. Belo Horizonte, 1966.

SALEM, Jean. **O Povo Libanês**: ensaio de antropologia. Tradução de: Antoine Boueri. São Paulo: Van Grei / Beirute: Librairie Samir, 1969.

SANTOS, Maria Luiza Silva. **O Quibe no Tabuleiro da Baiana**: Uma reflexão sobre a imigração síria e libanesa e o turismo cultural em Ilhéus. 2003. Dissertação (Mestrado)–Universidade estadual de Santa Cruz, Ilhéus,2003.

SAYAD, Abdelmalek. **A Imigração ou os Paradoxos da Alteridade**. Prefácio Pierre Bourdieu; Tradução Cristina Murachco. São Paulo: Edusp, 1998.

THOMSON, Alistair. **Histórias (co)movedoras**: História oral e estudos de migração. Centro de Educação Continuada da Universidade de Sussex. Tradução Magda França Lopes. Revista Brasileira de História, São Paulo, v.22, n.44, p. 341-364, 2002.

THOMPSON, Paul. **A Voz do passado História Oral**. Tradução Lólio Lourenço de Oliveira. São Paulo: PAZ e Terra, 1992, p.217-278.

TRUZZI, Oswaldo. **De mascates a doutores**: sírios e libaneses em São Paulo. São Paulo: Editora Sumaré: FAPESP; Brasília, DF: CNPQ,1991.(Série Imigração; v.2).

_____. In: FAUSTO... et al. **Imigração e política em São Paulo**. São Paulo: Editora Sumaré, FAPESP, 1995.

_____. **Patrícios**: sírios e libaneses em São Paulo. São Paulo: Hucitec, 1997.

YASBEK, Mahassen Hanna; ABRAHÃO, Salma Daud. **Receitas árabes tradicionais** (do norte do Líbano). São Paulo: Giramundo, 1996.

Bibliografia Ampliada

Livros:

ALBERTI, Verena. **Ouvir Contar** : textos em história oral. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004.

ALBERTI, Verena. **Manual de história oral**. 2ª edição. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2004.

BSISU, May. **The Arab table**. *Recipes and culinary traditions*. USA: Harper, 2005.

BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembrança de velhos. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994. .

_____. **O tempo vivo da memória**. Ensaios de psicologia social. 1.ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

CAILLÉ, Alain. **Antropologia do Dom**: O Terceiro Paradigma; tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

CAMARGO, Luiz Octávio de Lima. **Hospitalidade**. São Paulo: Aleph, 2004.

_____. **Os domínios da hospitalidade**. In: DENCKER; BUENO (orgs.). **Hospitalidade**: Cenários e Oportunidades. São Paulo: Thomson, 2003.

_____. **Turismo, Hotelaria e Hospitalidade**. In: DIAS (org.). **Hospitalidade**: Reflexões e Perspectivas. Barueri: Manole, 2002.

CHOUERI, Ramzi N. **O Patrimônio Culinário do Líbano**. Para a edição portuguesa (Brasil) do original em Árabe. Hadeth – Líbano: Ramzi Nadim Choueiri, 2002.

DE CERTEAU, M, ; GIARD, I & MAYOL, P.1997. **A invenção do cotidiano**. V. 2: Morar, cozinhar.1ª ed. Tradução de Ephraim F. Alves e Lúcia Endlich Orth. Petrópolis, Vozes.

CHON, Kye-Sung; SPARROWE, Raymond T. **Hospitalidade**: conceitos e aplicações. São Paulo: Thomson, 2003.

DEMANT, Peter. **O Mundo Muçulmano**. São Paulo: Contexto, 2004.

DENCKER, Ada de Freitas Maneti; BUENO, Marielys Siqueira (orgs). **Hospitalidade**: Cenários e Oportunidades. São Paulo: Thomson, 2003..

DENCKER, Ada de Freitas Maneti; VIÁ, Sarah Chucid da Via. **Pesquisa Empírica em ciências humanas** (com ênfase em comunicação). 2. ed. São Paulo: Futura, 2001.

DIAS, Célia Maria de Moraes (org.). **Hospitalidade: Reflexões e Perspectivas**. Barueri: Manole, 2002. 163 p.

DUFOURMANTELLE, Anne. **Anne Dufourmantelle convida Jacques Derrida a falar da Hospitalidade**. Tradução Antonio Romane. São Paulo: Escuta, 2003.

DUON, Taufik. **A emigração sírio-libanesa às terras da promessa**. São Paulo, ed. autor, 1944.

FAUSTO, Boris. **Historiografia da Imigração para São Paulo**. São Paulo: Editora Sumaré, FAPESP, 1991.

_____. **Fazer a América: A imigração em massa para a América Latina**. São Paulo: EDUSP, 1999.

_____. et al. **Imigração e política em São Paulo**. São Paulo: Editora Sumaré, FAPESP, 1995.

GATTAZ, André. **Do Líbano ao Brasil: história oral dos imigrantes**. São Paulo, Gandalf, 2005.

_____. **História oral da imigração libanesa para o Brasil: 1880 a 2000**. Tese (Doutorado em História)-Faculdade de Filosofia, letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.

GERMANOS, Jorge. **A Sombra do Cedro: provérbios libaneses**. São Paulo, Cultura Editores Associados, 1992.

GODBOUT, Jacques T. com Alain Caillé. **O Espírito da Dádiva**. Tradução Patrice Charles F.X. Wuillaume. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1999. 254 p.

_____. **Recevoir, c'est donner**. Communications, L'Hospitalité, nº 65, Paris: Ed. Seuil, 35-47 p, 1997.

GOTMAN, ^a 2001. **Le sens de l'hospitalité**. Essai sur les fondements sociaux de l'accueil de l'autre. 1^a ed. Paris: PUF.

GREIBER, Betty Loeb; MALUF, Lina Saigh; MATTAR, Vera Cattini. **Memórias da Imigração: libaneses e sírios em São Paulo**. São Paulo: Discurso editorial, 1998.

GUERRIER, Yvonne. **Comportamento Organizacional em Hotéis e Restaurantes** Uma perspectiva internacional: Tradução Lenke Peres. São Paulo: Futura, 2000.

HAIJAR, Claude Fahd. **Imigração Árabe Cem Anos de Reflexão**. São Paulo: Ícone Editora, 1985.

HALBWACHS, M. 1950. **La memoire colective**. Ed. Póstuma. Paris, PUF

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução Tomaz Tadeu da Silva, Guacira Lopes Louro – 10ª edição. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

HOBBSAWN, Eric J./RANGER, Terence O. **A invenção das tradições**. São Paulo: Paz e Terra, 1997.

HOLMIN, Dalal A . ; ABBAS, Maher A . **From the table of Lebanon**. New York: Book Publishing Company, 1997.

HOURANI, Albert Habib. **Uma história dos povos árabes**. Tradução Marcos Santarrita. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

ISHIGE, Naomichi. **O Homem, o comensal**. Revista Correio, Julho 1987.

KARAM, John Tofik – ***Distinguishing Arabesques: The Politics and Pleasures of Being Arab in Neoliberal Brazil*** – Degree of Doctoral of Philosophy in Anthropology in the Graduate School - M.A Syracuse University – 2003.

KEMEL, Cecília. **Sírios e libaneses: aspectos da identidade árabe no sul do Brasil**. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2000.

KHATLAB, Roberto. **Mahjar** – Saga libanesa no Brasil. Zalka-Líbano: Mokhtarat, 2002.

_____. **Brasil-Líbano**, Amizade que desafia a distância. São Paulo: EDUSC, 1999.

_____. **Lebanese Migrants in Brazil: An Annotated Bibliography**. Zouk Mosbeh, Lebanon: Lebanese Emigration Research Center, NDU Press, 2005.

KLICH, Ignacio; LESSER, Jeffrey. **Arab and Jewish Immigrants in Latin America: Images and Realities**. London and Portland, Oregon: Frank Cass Publishers, 1998.

KNOWLTON, Clark S. – **Sírios e Libaneses: mobilidade social e espacial**. Tradução Yolanda Leite. São Paulo, Anhambi, 1960.

KOCHILAS, Diane. **Meze: Small Plates to Savor and Share from the Mediterranean Table**. Harper Collins Publishers Inc, New York, 2003.

KORAICHO, Rose. **25 de Março** – Memória da Rua dos Árabes. São Paulo: Koema, 2004.

KUCZYNSKI, Leila Mohamed Youssef. **Libano** Impressões e Culinárias. São Paulo: Empresa das Artes, 1994.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura** - Um conceito antropológico. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda, 2005

LASHLEY, Conrad; MORRISON, Alison. **Em busca da hospitalidade**. São Paulo: Manole, 2004.

LESSER, Jeffrey. **A negociação da identidade nacional: imigrantes, minorias e a luta pela etnicidade no Brasil.** São Paulo: Ed. UNESP, 2000.

LUCENA, Célia Toledo. **Artes de lembrar e de inventar (re) lembranças de migrantes.** São Paulo: Editora Arte & Cine, 1999. 192p.

MAALOUF, Amin. **O Rochedo de Tânios.** Tradução Maria Lúcia Machado. São Paulo, Companhia das Letras, 1998. 265 p.

MAALOUF, Amin. **As Cruzadas vistas pelos Árabes.** 4. ed. São Paulo: Brasiliense, 2004.

MALINOWSKI, Bronislaw. **Argonautas do Pacífico Ocidental: um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos Arquipélagos da Nova Guiné Melanésia.** SP: Abril Cultural, 1976 (Série Os pensadores)

MAUSS, Marcel. **Sociologia e Antropologia.** Tradução Paulo Neves. São Paulo: Cosac & Naify, 2003.

MEIHY, José Carlos S.Bom. **Augusto e Lea.** São Paulo, Contexto, 2006.

_____. **Manual de história oral.** São Paulo: Loyola, 1996.

OSMAN, Samira. **Caminhos da Imigração Árabe em São Paulo: história oral de vida familiar.** Dissertação(Mestrado)-Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo, 1998.

POLLACK, Michael. **Memória, Esquecimento, Silêncio.** Tradução Dora Rocha Flaksman. Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol.2, n.3, 1989, p. 3-15.

RAMOS, Silvana Pirillo. **Hospitalidade e Migrações Internacionais – O Bem Receber e o Ser Bem Recebido.** São Paulo: Aleph, 2003.

REECE, Steve. **The Conventions of the Homeric Hospitality Scene.** In: *The Stranger's Welcome – Oral theory and the Aesthetics of the Homeric Hospitality Scene.* Michigan Monographs in Classical Antiquity. The University of Michigan Press, 1993. p.1- 46.

SAFADY, Wadih. **Cenas e cenários dos caminhos de minha vida.** Contribuição para o estudo da imigração árabe no Brasil. Belo Horizonte, 1966.

SALEM, Jean. **O Povo Libanês: ensaio de antropologia.** Tradução de: Antoine Boueri. São Paulo: Van Grei / Beirute: Librairie Samir, 1969.

SANTOS, José Luiz dos. **O que é cultura.** São Paulo: Brasiliense, 1983. (Coleção Primeiros Passos).

SANTOS, Maria Luiza Silva. **O Quibe no Tabuleiro da Baiana: Uma reflexão sobre a imigração síria e libanesa e o turismo cultural em Ilhéus.** 2003. Dissertação (Mestrado)–Universidade estadual de Santa Cruz, Ilhéus, 2003.

SAYAD, Abdelmalek. **A Imigração ou os Paradoxos da Alteridade**. Prefácio Pierre Bourdieu; tradução Cristina Murachco. São Paulo: Edusp, 1998.

SELWYN, Tom. **Uma antropologia da hospitalidade**. In: LASHLEY, Conrad; MORRISON, Alison. **Em busca da hospitalidade**. São Paulo: Manole, 2004.

THOMSON, Alistair. **Histórias (co)movedoras**: História oral e estudos de migração. Centro de Educação Continuada da Universidade de Sussex. Tradução Magda França Lopes. Revista Brasileira de História, São Paulo, v.22, n.44, p. 341-364, 2002.

THOMPSON, Paul. **A Voz do passado** História Oral. Tradução Lólio Lourenço de Oliveira. São Paulo: PAZ e Terra, 1992, p.217-278.

TRUZZI, Oswaldo. **De mascates a doutores**: sírios e libaneses em São Paulo. São Paulo: Editora Sumaré: FAPESP; Brasília, DF: CNPQ, 1991.-(Série Imigração; v.2).

_____. In: FAUSTO... et al. **Imigração e política em São Paulo**. São Paulo: Editora Sumaré, FAPESP, 1995.

_____. **Patrícios**: sírios e libaneses em São Paulo. São Paulo: Hucitec, 1997.

YASBEK, Mahassen Hanna; ABRAHÃO, Salma Daud. **Receitas árabes tradicionais** (do norte do Líbano). São Paulo:Girmaundo, 1996.

WALKER, John R. **Introdução à hospitalidade**. 2. ed. São Paulo: Manole, 2002.

Revistas:

Carta do Líbano. São Paulo: **Revista de Intercâmbio Cultural Líbano-Brasileiro**, Ano VIII – outubro 2002.

_____. Ano VIII – final de ano 2002.

_____. Ano VIII – fevereiro 2003.

_____. Ano IX – junho 2003.

Chams. São Paulo: **Revista mensal informativa das comunidades de origem Árabe no Brasil**, Ano XIII – abril de 2004.

_____. V – outubro de 2004.

DUARTE, Alessandro. **Era uma vez um mascate**. Veja São Paulo, São Paulo, ano 17, n.45, p.16-26, nov.2004.

Correio Eletrônico:**Hospitalidade Libanesa se ajusta para um *Ottoman Grand Tour****

<<http://www.vvdailypress.com> , acesso em: 15 set. 2004.

Regras de Ouro* <<http://www.ritzcarlton.com> , acesso em: 24 out. 2004.

Artigos e Publicações/ *Labi-Nime 2002* <<http://www.imaginario.com.br> , acesso em: 27 out. 2004, acesso em: 29 jun. 2006.

Câmara de Comércio Brasil-Líbano<<http://www.ccbl.com.br> , acessos em 15 set. 2004 e 28 out. 2004, 20 nov. 2005 e 25 maio 2006.

Câmara de Comércio Brasil – Árabe -

<http://www.ccab.com.br/portugues/default.aspx>, Acesso em 02 maio 2005.

Se eu fosse Libanês, Presidente!*<<http://www.middleeastnews.com> , acesso em: 02 nov. 2004

Cultura e Arte Libanesa* <<http://csrd.lau.edu.lb> , acesso em 02 nov. 2004.

A Cultura Libanesa* <<http://www.lebaneseforces.org> , acesso em 02 nov.2004.

<<http://www.arabias.com.br> acesso em 25 out. 2004

<<http://www.berro.com/lebanese> index acesso em 25 out. 2004

<<http://www.lebanon.com>, acessos em 15 set. 2004, 02 nov. 2004, 03 nov. 2004.

<<http://www.yabeyrouth.com>. acesso em 31 out. 2004.

*Traduzido do inglês para o português

Dos afagos que um ser humano pode fazer ao outro, dar de comer é o mais genuíno <http://claudia.abril.com.br/edicoes/527/fechado/atualidades>, acesso em 19/09/2006.

Entrevista realizada por Patrícia Zaidan com Sra. Leila Youssef Kuczynski,

Fundamentos Culturais da Multifária Literatura Libanesa. Profª Drª. Aída R. Hanania.url

<http://www.hottopos.com/videtur2/aida.htm> acesso em: 16 jun. 2005

<http://www.hospitalityservices.com.lb/> acesso em: 05 jun. 2005

<http://www.dailystar.com.lb/> / acesso em: 25 fev. 2005

(<http://www.novolibano.com.br/imprensa/125anos.htm>) acesso em 15 jun. 2005

http://www.novolibano.com.br/imprensa/lula_homenageia_rafik_hariri.htm acesso em 15 jun.2005

<http://www.anba.com.br/noticia.php?id=6695> acesso em 20 jun. 2005

http://www.correios.com.br/selos/selos_postais/selos_2005/selos2005_03.cfm

acesso em 20 jun. 2005

http://www.consciencia.net/etni-cidade/vozes_do_orientes.htm acesso em 20 jun.2005

www1.folha.uol.com.br/revista acesso em 29 jun 2005

www.an.com.br acesso em 26 nov. 2005.

www.naharnet.com acesso semanal desde 28 nov. 2005

Anexo A

Grupo de Entrevistados

O grupo, por questão de privacidade, não tem a sua identidade revelada. São denominados com 'nome fantasia'.

Relaciona-se a seguir algumas informações sobre os depoentes: religião, bairro de residência e o meio de contato utilizado para a seleção.

Depoentes:

Leyla - muçulmana xiita – Jardins.

Estabeleceu-se contato primeiramente com seu filho, abordado pela pesquisadora em um café em São Paulo, ele, acompanhado de seus primos, conversavam em árabe.

Maya – cristã maronita – Jd. Europa.

Através de abordagem em um restaurante, Maya estava com a cunhada do Líbano, conversando em árabe.

Suad – muçulmana sunita – Jd. Paulista.

Através de seu marido, contatado através do *skype*, foi muito hospitaleiro ao saber da pesquisa, forte líder da comunidade muçulmana.

Fátima - druzá – Santana.

A pesquisadora conheceu Fátima em um evento realizado em comemoração aos 125 anos da imigração libanesa no memorial da América Latina.

Aman – muçulmana xiita – Brás/Pari.

Ela foi indicada por um casal palestino e sírio, contatados através do *skype*.

Nour – cristã melquita – Jd. Paulista/Paraíso.

Selecionada através do *orkut*.

Victor – muçulmano sunita – Jardins.

Ele foi abordado em um café em São Paulo, quando estava com outro amigo libanês.

Entrevistas posteriores realizadas *on line*.

Manar – cristão greco-ortodoxo – Paraíso.

Ele foi apresentado por Victor.

Omar – cristão ortodoxo – Bairro próximo a Moema.

Ele trabalha em Moema.

Através dos fóruns das comunidades no *orkut*.

Camilo – cristão melquita – Jd. Paulista.
Ele foi indicado por um amigo, descendente de libaneses muçulmanos.

Tannous – católico melquita
O contato foi realizado ao se utilizar o seu serviço de táxi na universidade Anhembi Morumbi e posteriormente indicado por uma professora do mestrado.

Tony – greco ortodoxo – Jardins.
Indicado por membro da colônia que havia se recusado a ser entrevistado.
Houve o endosso da apresentação, através da cunhada de Tony, que já conhecia a pesquisadora.

Renê – cristão marounita – Zona Norte.
Indicado por Tony.

Ali – muçulmano xiita – Zona Norte.
Contato realizado através do *skype*.

Informante:

Behar – muçulmana sunita – Paraíso.
Apresentada por Suad.
Ela não pode ser depoente, sua imigração é posterior a 1994, mas suas informações e depoimentos foram bem aproveitados, como informante.